

Professor em Prosa: Minha vida na Escola

CARLA ROBERTA SASSET ZANETTE
LUANA MARI GOMES GRILLO
MARIJARA GOBBI
(ORGANIZADORAS)

*CARLA ROBERTA SASSET ZANETTE
LUANA MARI GOMES GRILLO
MARIJARA GOBBI
(ORGANIZADORAS)*

PROFESSOR EM PROSA:
MINHA VIDA NA ESCOLA


EDITORA
SCHREIBEN
2022

© Dos organizadores - 2022
Editoração e capa: Schreiber
Imagem da capa: Freepik
Revisão: os autores

Conselho Editorial (Editora Schreiber):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dr. Enio Luiz Spaniol (UDESC)
Dr. Glen Goodman (Arizona State University)
Dr. Guido Lenz (UFRGS)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. José Antonio Ribeiro de Moura (FEEVALE)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dr. Leandro Mayer (SED-SC)
Dra. Marciane Kessler (UFPEL)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNIUV)

Esta obra é uma produção independente. A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, bem como da procedência das tabelas, quadros, mapas e fotografias é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiber
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiber@gmail.com
www.editoraschreiber.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P964 Professor em prosa : minha vida na escola. / Organizadoras: Carla Roberta Sasset Zanette, Luana Mari Gomes Grillo, Marijara Gobbi. – Itapiranga : Schreiber, 2022.
78 p. ; 14 X 21cm.

ISBN: 978-65-89963-68-4
DOI: 10.29327/561821

1. Educação. 2. Professores - experiências. 3. COVID-19 - pandemia. I. Título. II. Zanette, Carla Roberta Sasset. III. Grillo, Luana Mari Gomes. IV. Gobbi, Marijara.

CDU 37

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| APRESENTAÇÃO..... | 5 |
| <i>Carla Roberta Sasset Zanette Luana Mari Gomes Grillo Marijara Gobbi</i> | |
| VIVÊNCIAS E TRAJETÓRIAS COMO PROFESSORA..... | 6 |
| <i>Ivania Maria Gonçalves de Mello</i> | |
| A LUTA PELA EDUCAÇÃO..... | 10 |
| <i>Raquel Cassiana Girardi</i> | |
| DESAFIOS E SUPERAÇÕES MARCADAS PELO DIÁLOGO E RESSIGNIFICAÇÕES NO ANO DE PANDEMIA: UM ANO QUE VALEU POR MUITOS..... | 17 |
| <i>Gláucia Helena Gomes</i> | |
| A ESCOLA PÚBLICA COMO LUGAR DE FUNDAR ALGO JUNTOS..... | 21 |
| <i>Carmen Lúcia Capra</i> | |
| TIJOLOS COM NOME, OLHOS E CORAÇÃO: O SENTIR CADA UMA DAS RELAÇÕES! | 30 |
| <i>Vágner Peruzzo</i> | |
| NO MEU CAMINHO, UMA ESCOLA..... | 34 |
| <i>Arlete Maria Spido</i> | |
| SUICÍDIO_CIVILIZATÓRIO..... | 36 |
| <i>Pablo Ostemberg do Nascimento</i> | |
| A ESCOLA ENTRE SONHOS E DEVANEIOS..... | 43 |
| <i>Cristiane Beltrame Padilha</i> | |
| REFLEXÕES SOBRE VALORES HUMANOS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA..... | 49 |
| <i>André de Campos</i> | |

| | |
|---|----|
| EU SOU PROFESSORA..... | 55 |
| <i>Andréia de Araújo Brugalli</i> | |
| EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO EM DIFERENTES ESPAÇOS..... | 58 |
| <i>Eva Márcia Borges Fernandes</i> | |
| A DOCÊNCIA E MEUS APRENDIZADOS..... | 64 |
| <i>Diego Busin</i> | |
| VIDA QUE CORRE O RUMO DE SER PROFESSORA..... | 69 |
| <i>Marijara Gobbi</i> | |
| EM BUSCA DO VERDADEIRO SENTIDO DA EDUCAÇÃO: OS ALUNOS..... | 74 |
| <i>Carla Roberta Sasset Zanette</i> | |

APRESENTAÇÃO

Vivenciar a docência como uma experiência de compreensão do mundo, da vida e de nós mesmos pressupõe adentrar tempos, espaços e identidades que se somam ao longo de anos e que nos constituem professores.

Desafiar-se a refletir e a escrever sobre identidade, formação e práticas docentes implica abrir-se para o diálogo, para o outro, para as travessias da vida. Requer, acima de tudo, sensibilidade para compreender a educação como algo propulsora de desejos, curiosidades, medos, desafios e superações.

Escrever sobre as vivências e experiências significa acreditar em uma educação humana, que rejeita toda e qualquer forma de barbárie. Neste sentido, esta obra reúne textos que tratam de EDUCAÇÃO, DOCÊNCIA, IDENTIDADE, EMOÇÕES, SUBJETIVIDADES, VIVÊNCIAS e suas múltiplas possibilidades de relação com o saber, com o ensino e com a aprendizagem.

A elaboração deste livro reúne narrativas relatadas por docentes da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul, que compartilham suas percepções e interpretações acerca da educação e de ser professor. As temáticas dialogam com os fazeres investigativos e compreendem diferentes vozes que ecoam a partir de mobilizações individuais e coletivas, decorrentes de incertezas, dúvidas, anseios e desejos. São partilhas de vivências, experiências e saberes que se somam a outros e provocam novos conhecimentos e aprendizagens.

Que a leitura desta obra seja capaz de inspirar novas escritas, de anunciar novos horizontes, de mover a esperança, e, por certo, de acreditar que ainda vale a pena ser professor!

Com muito respeito e admiração!

Carla Roberta Sasset Zanette

Luana Mari Gomes Grillo

Marijara Gobbi

VIVÊNCIAS E TRAJETÓRIAS COMO PROFESSORA

Ivania Maria Gonçalves de Mello¹

Nasci em Garibaldi, mas me criei em General Câmara, cidade pequena do interior, onde os militares e professores eram considerados da “alta sociedade”.

Independentemente da forma como a sociedade via, desde pequena sempre quis ser professora. Fazia parte das minhas brincadeiras de criança. O tempo passou. Eu me formei na escola normal. Tinha nas mãos o tão esperado diploma.

Em General Câmara, por divergências políticas da minha mãe, não consegui emprego. Assim, fui parar em Caxias do Sul. Trabalhei primeiro na Agrale e me inscrevi na Prefeitura para contrato emergencial para professora pois, naquela época, não havia concurso público para o cargo.

Para minha surpresa me chamaram e me ofereceram uma escola no interior da cidade. Lá eu teria que morar durante a semana pois não tinha carro. Era longe do centro e também não tinha ônibus. Aceitei. Nesse momento começa minha trajetória profissional, repleta de realizações.

Chegando lá, me deparei com uma escola no interior que parecia abandonada: cerca caída, mato por volta. Em frente havia um cemitério e atrás passava o Rio Tega (com suas espumas dando início à poluição), um campo de futebol, a igreja, o salão de festa paroquial e, ao fundo, uma casa na qual eu morei como pensionista. O resto, morro e parreirais de uva.

A escola atendia alunos de 1^a a 4^a série, todos sob minha responsabilidade. Sem contar a merenda, limpeza e serviço burocrático. Mas nada disso me assustou. Eu me sentia no paraíso! Ali eu conheci meu primeiro

1 Professora aposentada da Rede Municipal e Estadual de Ensino de Caxias do Sul.

aluno com deficiência intelectual, coisa que, na época, eu não sabia o que era. Mas fui atendendo o menino dentro daquilo que eu acreditava: todos somos capazes de aprender, de um jeito ou de outro.

Foi aí que resolvi limpar o pátio e levantar a cerca, pois todos os alunos ajudavam os pais nos serviços da colônia e o foco maior era o trabalho. Estudar ficava em segundo plano. Eu capinava, rastelava e, com muito capricho, plantava mudas de flores. Então, pensei em iniciar a alfabetização pelos objetos usados. Tudo isto sem muito embasamento teórico pois só Piaget fazia parte do meu mundo e minha vontade em acertar associada ao amor que sempre tive por ser professora. Eu nem fazia ideia que estava seguindo os pressupostos de Paulo Freire, o qual me tornei discípula futuramente.

Os dias se passaram e a relação com os alunos era muito boa. Existia muito respeito entre todos. Este ambiente favoreceu a aprendizagem. Meu aluno *diferente* foi aprendendo, no seu tempo, junto com a turma.

No final do ano, em virtude das dificuldades de moradia e locomoção, solicitei remoção para uma escola mais próxima. Foi bonito de ver a amizade que ficou entre a professora e a comunidade.

Vim para a cidade trabalhar numa escola da periferia. Atendi uma turma de 3º ano e achei muito fácil. Porém, tinha um aluno que, quando contrariado, ficava nervoso, bravo, fugia da sala e ia até o pátio jogar pedras para dentro da sala. Sem fazer alarde, convidava a turma para nos sentarmos embaixo das classes pois era a hora de cantar. Logo nosso amigo retornava mais calmo e podíamos continuar com as atividades.

A partir dessas e de outras experiências procurei fazer vários cursos que a Secretaria Municipal da Educação (SMED) oferecia, dentre eles, de psicomotricidade. Logo a Universidade de Caxias do Sul ofereceu, em parceria com o Estado do Rio Grande do Sul, Adicional para serviços excepcionais. Participei da formação e aqui entendi o meu aluno diferente da colônia.

Desde então, nos meus 33 anos de trabalho, atuei com alunos com necessidades especiais, alfabetização de crianças e adultos, professora de classes especiais e escola especial e com passagens pela assessora pedagógica na SMED. Atualmente estou aposentada; mas, sempre disse que, se tivesse que voltar no tempo eu voltaria professora, pois foi muito

gratificante.

Nunca mais deixei de estudar. Procurei sempre me atualizar. Porém, nesta carreira de professora, se o Amor não estiver envolvido, não será nos livros que acharemos as respostas.

Para encerrar, um último caso, dentre tantos que me aconteceram:

Eu tive uma aluna, numa escola de periferia, no primeiro ano do Ensino Fundamental. Tinha um cabelo crespo lindo! Ela de olhos verdes, um sorriso maravilhoso. Entretanto, tinha um mal cheiro, queridinha... O que eu fiz: fui conversando com ela e, nos dias que a turma tinha Educação Física, eu dava banho nela na escola. Fiz campanhas com minhas colegas e consegui roupa. O material de higiene era por minha conta. Eu tirava toda a roupinha que ela usava e dava banho. Piolho, nunca vi tanto num lugar só! Mas eu fui limpando e cuidando dela. Todos me diziam: *Que bobagem! Ela vai para casa e amanhã virá suja de novo.* Eu fazia isso duas vezes por semana, nas minhas folgas. Tudo bem. Se ia dar certo ou não, se ia fazer alguma diferença na vida dela eu não sabia. Mas na minha, fazia. Era muito bom ver aquele sorriso lindo daquela criança!

Passados muitos anos, encontrei esta menina com o mesmo sorriso, o mesmo cabelo lindo. Adulta, com filhos. Estava com uma jaqueta e uma calça brancas. Aquilo me chamou muita atenção. E ela me apresentou assim para seus filhos: *Esta, é aquela professora que me dava banho.* Aí eu olhei para ela perguntei se foram só os banhos que a faziam lembrar de mim. E tudo que eu tentei te ensinar sobre ler e escrever? Ela me respondeu: *Profe, você não imagina o quanto me ensinou naqueles banhos. Outra coisa professora, eu era muito feliz quando ia para casa e me deitava na minha cama toda limpinha e cheirosa. Muito obrigada por tudo o que você fez por mim!*

Com isto, quero dizer a vocês que estão lendo meu relato, foi MARAVILHOSO ser professora.

A LUTA PELA EDUCAÇÃO

Raquel Cassiana Girardi¹

O título escolhido para este relato docente: A luta pela educação define o que vivemos nas escolas que atendem a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) neste ano letivo de 2021. A rede municipal de ensino de Caxias do Sul conta com seis escolas de EJA do ensino fundamental, mas em setembro recebemos a informação que somente duas escolas atenderiam este público em 2022, assim se iniciou uma movimentação intensa dos grupos escolares com a participação em audiência pública, lives, diálogo nas escolas com vereadores, entrega de carta ao prefeito, estudos sobre a luta pelos direitos humanos. A seguir serão apresentados trechos de cartas escritas sobre o que é ser e viver a EJA para os estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rosário de São Francisco, localizada no bairro Charqueadas deste município, que neste ano completou 30 anos de atuação na comunidade escolar e 19 anos de trabalho pedagógico e emancipador com jovens e adultos.

Amparada na Lei de Diretrizes e Base 9394/96 nos artigos 37 e 38 a Educação de Jovens e Adultos é destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constitui instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida. Esta característica da EJA esclarece o potencial da educação inclusiva e compensatória que esta modalidade de ensino possui. Modalidade esta da educação básica que vai além das leis, resoluções, referenciais curriculares, enfim, dos papéis; estar e trabalhar com estes estudantes é aposta, é amor, é corpo a corpo, olho no olho e o que mais nos encanta e nos desafia é ser esperança para eles, pois esta modalidade é principalmente uma política social. Esperança que se traduz nas

1 Professora da rede municipal de ensino de Caxias do Sul, licenciada em Educação Física, pós graduada em Deficiências Múltiplas e Mental. Atualmente professora de Educação Física e gestora escolar. raquelcassianagirardi@gmail.com

seguintes situações: para quem ainda não lê uma frase com segurança e tem dificuldades de identificar informações básicas num documento oficial, para quem está à procura de trabalho e precisa ter concluído o ensino fundamental ou com vistas de projeção no seu posto de trabalho, para quem quer aperfeiçoar suas habilidades e ajudar seus filhos e netos nas tarefas escolares. Quem vive a EJA sabe que para a maioria dos estudantes a escola é o porto seguro que potencializa sua auto-estima e dá oportunidade para que os estudantes melhorem suas condições de trabalho, sua qualidade de vida e com isso sejam respeitados na sociedade. Esta palavra ESPERANÇA que vivenciamos nas noites letivas é encontrada nos escritos do autor Paulo Freire:

É preciso ter esperança do verbo esperar, porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com os outros para fazer de outro modo. Paulo Freire, *Pedagogia da Esperança* (1992)

Tentamos de diferentes formas para que as quatro escolas continuassem atendendo os jovens e adultos com reuniões, apoio do Sindicato dos Servidores Municipais (SINDISERV), União de Associação de Bairros (UAB), apoio de vereadores que realizaram uma escuta sensível in-loco nas escolas. Nossos professores se engajaram nesta luta pela educação sempre dispostos a fazer o melhor pelos estudantes, evidenciando suas competências socioemocionais em primeiro lugar. O SER HUMANO foi o bojo de todo este movimento.

No segundo semestre desenvolvemos o projeto: “A construção do gênero feminino através dos tempos” com o objetivo de promover uma reflexão sobre a trajetória da mulher através dos tempos: suas conquistas, sua valorização e seu legado, afim de que seja mais respeitada e valorizada. A essência do projeto ocorreu através da observação, interpretação e análise das imagens das obras do pintor caxiense Marcos Leal, que retrata a mulher em vários espaços sociais, evidenciando as suas habilidades, necessidades e participação ativa. Na noite de culminância das ações e produções realizadas através de oficinas tivemos a participação do artista que em conjunto com os estudantes, profissionais da educação, assessoria pedagógica da Secretaria Municipal da Educação e SICREDI pintaram

uma tela de número 1140 intitulada pelos participantes de: A luta pela educação. Título que retratou o momento em que estávamos vivendo.



Fonte: acervo da EMEF. Rosário de São Francisco



Fonte: acervo da EMEF. Rosário de São Francisco

A seguir relatos escritos por alguns estudantes da nossa escola que expressam a importância de sua unidade escolar no território onde moram e convivem.

Cassiano Rouzado 41 anos, Totalidade 6

Às vezes é tão difícil colocar no papel tudo aquilo que passamos ao longo do tempo. Difícil de entender que confiamos o motivo do qual

vem acontecendo no nosso município de Caxias do Sul. Acredito quando se fecha uma escola, uma rede de ensino, eu vejo que damos um passo para trás. Quantos sonham, buscam por um objetivo na vida pelo conhecimento. A EJA representa para todos uma porta de esperança, de oportunidades. Quando são criadas barreiras no caminho por pessoas que confiamos e um dia nos representam, mas hoje estão contra nós, achando que estão nos fazendo o bem, mas não!

Quando podemos decidir o que queremos? Se tivéssemos participação popular onde poderia votar no que seria importante para mim. Mas mesmo assim seguirei em frente, pois agora sei quem torce por mim.

Berenice Fernandes Lanes, 40 anos, Totalidade 4

Meu nome é Berenice Fernandes Lanes, 40 anos, sou da cidade de Dom Pedrito-RS, na fronteira. Cheguei há um ano em Caxias do Sul e dentro de um mês consegui serviço na empresa Progás Braesi. Com a minha escolaridade não consigo mudar de profissão, tenho a quinta série e não consigo outra profissão, sou da limpeza e quero ir pra produção de uma firma. Então vim até a escola Rosário onde fui acolhida com carinho, abraçaram-me, deram segurança pra mim não ter vergonha. Eu tinha, me sentia burra. Aqui os professores me fizeram ver que sou capaz. A escola Rosário é uma ótima escola, tenho três filhos homens, sou casada com Leandro Pina da Silva, estudamos juntos para podermos conseguir um emprego melhor. Hoje vejo a falta que faz uma escola, por isso peço NÃO FECHER A ESCOLA, O EJA, pois fecharão sonhos das pessoas e de lutadores. Hoje caminho quinze quadras para vir à escola, mas venho com muita alegria. Encontro professores que trabalham, educam e nos ensinam ser pessoas melhores, então parablenizo todos os professores do Rosário, onde vou poder dar aos meus netos algo melhor, ajudar eles com seus trabalhos da escola, tenho dificuldade de ajudar meu filho de doze anos.

Escola é um direito de todos, mas aberta e não fechada, porque é próximo e fácil vir até o Rosário.

Amélia Terezinha Cardoso Lima, 52 anos, Totalidade 5

Eu sou Amélia Terezinha Cardoso Lima, nascida em Cruz Alta,

Rio Grande do Sul, hoje com 52 anos. Mãe de um filho de 23 anos e esposa do Jorge há 36 anos. Vim embora para Caxias do Sul no ano de 2018. Foi quando descobri que era totalmente cega, que tinha sério problema visual, não físico, mas sim por falta de estudo, porque quem não sabe ler e escrever é totalmente cego, pois você não sabe pegar um ônibus, não consegue emprego.

Não conseguia nada, só faxina e nada mais. Eu estava quase desistindo de ser feliz quando eu descobri o EJA, uma escola que me recebeu tão bem que parecia que eu estava em casa. Fui acolhida tão bem que já estou escrevendo muito bem. Aqui aprendi o que é ter visão. Saber que esta oportunidade que eu tive outras pessoas não vão ter, porque aonde vão estudar é mais difícil. E quem tem coragem de trabalhar o dia inteiro e depois pegar um ônibus e se deslocar até a escola? Aqui já é difícil, imagina todo o dia na escola, cansada. Não tem condição, só vai piorar a situação.

Aqui no colégio Rosário de São Francisco vocês não tem só uma escola e sim uma família, porque além de aprender a estudar é ter amigos. Eu só não passei fome porque recebia todo o mês uma cesta básica de comida, pois eu estava sem trabalho e meu marido e filho também. Pago aluguel. Passei a viver da caridade das pessoas e da bondade dos professores. Até que a professora Raquel pediu um currículo para mim e consegui um emprego de limpeza na própria escola. O Rosário não é só uma escola e sim um apoio aos familiares e alunos. Por isso que pergunto: vale a pena o fechamento da nossa escola? É isto que os mandachuvas querem?, que todos fiquem cegos, sem expectativa de vida?, sem saber o que fazer?, sem ter vontade de vida?

A dedicação dos professores é tanta que pergunto: o que vai ser de nós? Desculpe algum erro de letras, pois estou aprendendo. Se nos deixarem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos dos estudantes da EJA escritos acima resume o sentido da escola em suas vidas. Na minha não é diferente. Escola para mim é movimento, construção, relação, investimento de amor, um espaço para ser feliz, pois nas situações que vivenciamos nos últimos dois anos o que

se evidenciou foi a competência socioemocional e a humanização do ato ensinar e aprender. É o chegar mais próximo do estudante e da gente. Para isto é preciso planejar, buscar parceria, estudar, escutar, ser corpo forte.

Agradecer a vida é essencial neste momento, pois nas primeiras semanas do mês de maio na volta das aulas presenciais, estávamos com medo, sem vacina e hospitais lotados. Rezamos, dançamos, criamos laços afetivos e de grande respeito à estes estudantes guerreiros que são a razão dos nossos planejamentos e que aguçam o nosso lado humano, fazendo a escuta de suas necessidades e assim realizando ajustes possíveis.

Todo o movimento que realizamos teve como base a ESPERANÇA que nos deu força para lutar pela educação. A decisão de fechar as quatro escolas da EJA do município de Caxias do Sul foi mantida. Nas nossas reuniões, encontros com vereadores, conversa com lideranças de bairro, participação em audiência pública, construção de dossiê e lives tivemos a oportunidade de ensinar aos nossos estudantes os diferentes modos de lutar pelos seus direitos.

No ano letivo de 2022 às 19 horas o sinal eletrônico não irá mais soar nas dependências da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rosário de São Francisco. Somente restarão significativas lembranças de um espaço escolar que há 19 anos fez parte da esperança de jovens e adultos para que melhorassem suas condições de trabalho, sua qualidade de vida e simplesmente fossem respeitados na sociedade.

Ao chegar na escola na noite do dia 11 de novembro li para o meu colega Paulo Ricardo Pinto Aquino, secretário de escola, com formação superior em Geografia, Sociologia e Teologia, o último parágrafo do meu relato. No momento em que comecei a realizar a leitura, Paulo estava redigindo uma ata, parou. Quando acabei a leitura ele falou: -Vou escrever algo sobre a sirene. Então para finalizar este relato o poema produzido por quem sempre fez a escuta sensível do que vivenciamos.

O SILENCIAR DA SIRENE

Rufem os tambores,
Gritem na rua,

A sirene tocou e,
A aula começou.

Cansado da jornada diária,
Explorado pelos seus opressores,
Caminha exitoso em direção à escola,
Atraído pelo carinho dos professores.

Que jornada árdua!
A cada sinal da sirene
Busca novo ânimo, nova estima,
A cada sinal que resiste,
Sua esperança fica perene.

Então, retorna para seu lar, espirituoso,
Cheio de anelos e sonhos.

Oh, sirene! Quantas vezes teu som o trouxe à realidade?
Despertou-lhe de seu sono e desafiou-lhe até o final!
Pena, que pena que serás silenciada,
Teu som não será mais ouvido,
Pois tua escola será fechada.

Paulo Aquino
Educador

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 245p.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)*. Lei Federal nº 9394/1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 24 set. 2021

DESAFIOS E SUPERAÇÕES MARCADAS PELO DIÁLOGO E RESSIGNIFICAÇÕES NO ANO DE PANDEMIA: UM ANO QUE VALEU POR MUITOS

Gláucia Helena Gomes¹

De nada vale a experiência, quando a prática não se assemelha a nada vivido antes.

A promessa era fazer três anos em um. Começamos com esse paradoxo. Paradoxo, segundo o dicionário é definido como uma proposição ou argumento que contraria os princípios básicos e gerais que costumam orientar o pensamento humano.

Muito havia a ser feito e o propósito era uma construção coletiva que oferecesse oportunidades para que todos que integram a educação municipal pudessem contar com um ambiente favorável ao desenvolvimento de suas potencialidades com liberdade e autonomia.

O planejamento que se constituía no fazer dia a dia só tinha uma premissa – valorizar a rede assegurando para seu desenvolvimento, o bem-estar priorizando práticas flexíveis e participativas. Naquele momento entendíamos “práticas flexíveis” tão somente o que está regrado no art. 3º da Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Não tínhamos ideia que práticas flexíveis pudessem se tornar o sinônimo de todas as metodologias que foram utilizadas e aprimoradas na escola.

Quanto a participativa é nessa perspectiva política e filosófica que acreditamos que educação acontece. Para tanto, portas abertas no gabinete, diálogo constante com quem nos procurava, número de celulares

¹ Professora aposentada da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Licenciada em Filosofia pela Universidade de Caxias do Sul. Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade de Amparo RJ.

disponíveis, grupos de whatsapp de toda ordem.

Assim como o mundo todo, de repente fomos surpreendidos com a pandemia Covid-19, em menos de três meses de chegada a Secretaria da Educação foi necessário decretar o fechamento das escolas. Imaginávamos que em um mês seria possível voltar ao funcionamento normal. O ano de 2020 terminou e nada voltou ao normal.

Voltando um pouco, o convite que recebi foi para assumir a função de assessora técnica- direção geral da Secretaria da Educação a qual estão subordinadas 83 escolas de ensino fundamental e 43 escolas de educação infantil. Uma rede com cerca de 30 mil estudantes e mais de 2.800 servidores.

Primeira atitude que tive que tomar foi solicitar meu afastamento da presidência do Conselho Municipal de Educação. Embora legítimo permanecer como presidente, estando em cargo de confiança absurdamente antiético. As instituições devem a todo custo manter sua autonomia e interdependência, sob o risco de comprometer o princípio democrático que deve ser o que baliza qualquer colegiado.

Não sendo mais presidente passei a ocupar tão somente a vaga de conselheira representando o executivo.

Como Diretora Geral, ao lado da equipe da SMED, muitos foram os desafios: pedagógico, administrativo e financeiro.

O fim último de uma Secretaria da Educação é o pedagógico, ele é o coração deste corpo, mas não podemos nos enganar, o coração sozinho não sobrevive. Desta forma, não há o mais importante ou menos importante, o que há é um fim último.

O pedagógico foi assumido com maestria pela equipe, sob as orientações da Dra. Carla Sasset, literalmente vinte e quatro horas o seu Whats e de suas assessoras à disposição. O ano terminou e o pedagógico foi consagrado por sua excelente atuação.

O administrativo, sob o comando do colega André Silveira, dando conta da loucura de antecipar férias, preparar justificativas que nunca eram o suficiente para que a administração entendesse que as escolas estavam fechadas, mas as aulas não estavam suspensas. Como dar conta de trinta mil estudantes sem professores?

A rede municipal vem há anos utilizando o expediente de convocação para ampliação de jornada para substituir professores aposentados

ou em licenças. Convencer outras secretarias que havia necessidade de manutenção do pagamento destes professores foi tarefa insana.

Ainda na parte administrativa, surgiu uma nova forma de registro pedagógico, de expressão da aprendizagem e de nova organização do calendário escolar. O Conselho Municipal de Educação em parceria com a equipe da SMED exarou o Parecer nº 25, de 20 de outubro de 2020, tendo como ementa “Orientações aplicáveis ao processo de estudos presenciais e não presenciais e respectivos procedimentos avaliativos, excepcionais, a serem aplicados, no contexto da pandemia da COVID-19, pelas escolas pertencentes ao Sistema de Ensino de Caxias do Sul”. Diga-se, que foi um dos primeiros sistemas de ensino a normatizar o parecer do Conselho Nacional de Educação.

E o financeiro então, regras rígidas para utilização do dinheiro público, especialmente, o que determina a Lei nº 8.666/1993, recentemente alterada pela Lei nº 14.133, de 1º de abril de 2021. A situação foi crítica para o transporte escolar, alimentação escolar, convênio com escolas de educação infantil particulares, convênio com entidades filantrópicas, previsão para licitações. Pela primeira vez o problema não foi a falta de recurso, mas a proibição de gastar. A lei veda o pagamento sem a correspondente contra prestação de fornecimento de bens ou execução de obra ou serviço. Transportadores escolares quebrando, escolas infantis fechando!

À frente desta diretoria estava um colega que sabia que para cada movimento, eram necessárias muitas consultas e pareceres da Procuradoria Geral, e nem sempre estes pareceres davam a segurança que buscávamos. A responsabilidade do ordenador de despesas tira o sono de qualquer pessoa do bem.

Neste caos pandêmico, testes de Covid-19 quase que semanais na equipe. Afastamentos e muitas preocupações.

Planos de contingência, de todas as instituições de ensino de Caxias do Sul chegando à SMED. Análise, concertos, aprovações, alguns poucos voltando ao ambiente escolar a menos de um mês para encerramento do ano letivo.

O antigo problema da comunidade Rizzo tornou-se prioridade - uma nova escola, concebida, projetada e inaugurada, no espaço da faculdade Anhanguera.

Continuo acreditando que sempre precisamos fazer o melhor com o que é possível.

Cada um de nossa equipe fez o melhor e foi além do que era possível.

Resta responder, conseguimos fazer três anos em um?

Se a resposta for resgate do que não tinha sido feito anteriormente, talvez pudéssemos considerar que fizemos a metade, o que seria dois anos e meio. Agora se for pensando em tudo que foi criado, inovado, reinventado, produzido em um novo formato, não tenho dúvida, fizemos cinco anos em um.

A ESCOLA PÚBLICA COMO LUGAR DE FUNDAR ALGO JUNTOS

Carmen Lúcia Capra¹

Ofereço com esta escrita um relato sobre minha passagem pela Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul e ensaio uma compreensão que leva em conta a distância de quase uma década sobre uma das mais significativas experiências formativas que tive como professora. O texto recebe inserções de escritos feitos em outros momentos e que versam sobre tal período no desejo de levantar diferentes energias interpretativas para quem lê².

Trabalhei na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Protázio Soares de Souza. Uma escola organizada por ciclos de formação e localizada no bairro Serrano, em Caxias do Sul, entre os anos de 2001 e 2009. Acompanhei o seu rápido crescimento: de 150 alunos passou a 900 quando me desliguei daquela rede, em 2011. A escola foi fundada como parte de um projeto novo, participando do pequeno grupo que adotava a metodologia freireana. Uma das principais características das escolas conhecidas como “cicladas” era que o grupo docente produzia uma rede temática de onde partia o planejamento pedagógico anual. A rede vinha de uma pesquisa socioantropológica realizada pelas professoras na comunidade. As entrevistas feitas na rua eram uma oportunidade ímpar para realizar uma observação viva com tons de imersão

-
- 1 Professora e pesquisadora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), atuante na Graduação em Artes Visuais, na Unidade de Artes e no Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional (PPGED-ME), na Unidade em Osório. Lidera o Grupo de Pesquisa Flume Educação e Artes Visuais (UERGSCNPq) <www.grupoflume.com.br>. E-mail: carmen-capra@uergs.edu.br.
 - 2 Compõem com o texto duas memórias que fizeram parte de minha apresentação no Seminário Artes em Contextos Educacionais (PPGED-Uergs) – Carmen Lúcia Capra em outubro de 2021, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qA-iLzT9NCI>>. Acesso em 14 nov. 2021.

e para conversar com moradores visando a posterior construção do currículo. Para as duplas ou trios de professoras e funcionárias, toda situação era motivo para um bom papo acompanhado de anotações feitas à mão. Com uma jovem na porta de casa, com pessoas na parada do ônibus, um passante ou quem estava em um pequeno comércio, a conversa começava mais ou menos assim: como é morar aqui? Como era no passado? O que este bairro precisa?

A partir das entrevistas, identificavam-se os temas mais expressivos para seguir com a formação de conexões complexas entre eles, o que contemplava aspectos da organização material da realidade até aspectos simbólicos, culturais e filosóficos. Isso exigia de cada docente um envolvimento intransferível, pois as percepções das pessoas moradoras do bairro Serrano mexiam com as próprias concepções das professoras. Muitas vezes traduzi aquelas questões a mim mesma, confrontando o contexto onde vivia com o contexto da escola, mas também tive a experiência de viver – como professora – naquela comunidade ao acessar o que contavam mães, pais, avós e jovens daquele lugar.

Junto a cada fase da construção da rede temática ia nascendo o planejamento de cada disciplina. Cada qual – Arte, no meu caso, cuja ênfase era artes visuais dada a minha formação universitária, mas também Educação Física, Ciências, Geografia – deveria situar-se, estudando meios para contribuir à compreensão das turmas sobre os problemas apontados pela comunidade. Muito provavelmente vividos por aquelas crianças e jovens, a ideia era vislumbrar alternativas através de estudos e práticas. Se a abordagem pedagógica adotada nas aulas provinham do recorte de realidade dado pela rede temática, os estudos e práticas também visavam ampliar os horizontes que incluíssem um viver além do bairro.

Foram anos de energizado trabalho intelectual e pedagógico, constantes debates e muitas negociações que iam permitindo visualizar que modos de tratar aquelas questões eram mais apropriados aos diferentes ciclos (etapas da vida) da organização escolar: infância, pré-adolescência e adolescência. O conhecimento (em Arte) e a complexidade do viver naquele lugar foram colocados nas (minhas) nossas mãos. Que operações propor e como traçar as necessárias conexões?

Lembro de duas funções fundamentais naquele sistema

educacional: a articulação pedagógica, que coordenava o planejamento coletivo e por componentes conforme a rede temática, e a professora itinerante, que realizava uma espécie de docência compartilhada com as professoras nas turmas, fossem elas regentes ou das áreas. Ambas tinham um trânsito transversal que movimentava outras formas de ensinar e de refletir sobre o que fazíamos em sala, para as aulas e com as turmas.

Naquele tempo, no Protázio, perturbava-se a posição docente mais acostumada a um sistema setorizado, onde as formas de ensinar de cada componente já estão desenhadas de antemão, seja pela área específica, seja pelas operações de formação docente para aquela área. Hoje entendo que a formação docente nas licenciaturas luta com uma lógica representativa sobre os campos de origem, por vezes servindo a eles em desconexão com a agenda da educação escolar. Disso provém o apaziguante “é assim que se ensina” ou “é assim que as coisas são”.

Todo costume e hierarquia pedagógicos, entretanto, tinham a possibilidade de sair de um lugar fixo nas reuniões pedagógicas coletivas e semanais que duravam dois períodos. Eram alimentadas por mapas mentais com conceitos e perguntas e setas e teias e esquemas e estudos redirecionados, somados a itinerâncias e conexões para replanejamentos, muitos

Em um segundo ano do terceiro ciclo propus um estudo sobre beleza na arte. Em uma certa noção de arte, onde estão localizados os objetos artísticos como pinturas e arquitetura, por exemplo, a ideia de beleza é diferente do modo usado na vida cotidiana: nesse entendimento beleza é o que é bonito, agradável ou tem harmonia como um rosto e uma paisagem. O sentimento da beleza faz entender que ela pode ser inerente à natureza ou vir de um processo de embelezamento, assim como é feito na decoração, nos salões de beleza e nas cirurgias plásticas. Recordo de ter feito um texto didático para abordar o tema filosófico, acompanhado de imagens. Isto porque desejava produzir um deslocamento na ideia conhecida de “beleza”, pois nas artes visuais beleza abarca o estranho, o misterioso, indo até o feio e o violento, como as tocantes imagens de devastações, no romantismo ou onde emoções complexas estão visualmente simbolizadas.

Duras, fundas ou difíceis, na arte elas comportam ou produzem beleza. As coisas bonitas no dia a dia, tinham mais a ver com o gosto e com um prazer indicador de escolhas, enquanto na arte a beleza atuava mais na promoção de emoção e pensamento. No quente da conversa naquela turma, que estava atenta àquele assunto difícil que “era e não era” ao mesmo tempo, o deslocamento intelectual se deu quando a aluna Rosana levantou o dedo para colocar sua questão. Me faz sorrir ao narrar o que ela disse: “Então, professora, a novela Belíssima deveria se chamar Bonitíssima!” Essa informação localiza o ano de 2006 e por essa história posso assegurar: algo ocorre com uma menina de 12 ou 13 anos em uma aula de Arte na periferia de uma cidade industrial.

desconfortos e novos acordos. O trabalhoso e cansativo empenho impedia que cada professora funcionasse totalmente dentro das tradições e jargões pedagógicos inevitavelmente herdados da formação universitária e da nossa própria vivência escolar como estudantes. Ademais, havia a possibilidade de gerar ruídos sobre o desígnio missionário e salvacionista como sendo a função da educação escolar nas periferias.

A variedade de experiências de vida e posturas políticas reunidas no corpo docente foi uma considerável experiência. Algumas colegas eram residentes naquele bairro, em grande parte formado por pessoas que migraram de outras cidades do sul do País por causa do polo industrial. Outras como eu, nascidas lá, deslocavam-se da zona central da cidade, enquanto algumas vinham da zona rural, os campos de cima da serra, ali próximos.

Havia ainda docentes da região metropolitana de Porto Alegre que “subiam a serra” em busca de emprego na rede municipal de educação caxiense. A experiência típica da escola, como diriam Jan Masschelein e Maarten Simons (2014), é exatamente o confronto com as coisas públicas. De minha parte, acrescento que a experiência docente na escola da rede municipal é o confronto com a dimensão pública que compõe o que é reunido pela educação escolar.

Era uma turma de crianças em torno de nove anos. Tínhamos feito um trabalho longo, de uns dois meses, com papel machê. Desde rasgar o papel e fazer a massa, até revestir um volume e dar a forma à pequena escultura, muita coisa ocorreu: demora na secagem, rachaduras para consertar, pintura e detalhes de acabamento. Um trabalho demorado, encarado com permanente alimentação da atenção e da resistência necessárias para completar o percurso. Na arte muitas coisas têm tempos próprios e os procedimentos a serem tomados se mostram quando são feitos. Mas terminamos o percurso, finalmente! Faltava entender o que diferenciava uma escultura de um desenho, no seu modo de ser. A escultura é um corpo no espaço, tem peso, largura, altura. Por sua forma e estrutura, podemos envolvê-la, girar para ser vista de diferentes perspectivas ou, ainda, andar ao redor no caso de ser uma escultura grande. Se fosse um desenho ou uma fotografia da escultura, seria diferente. Que diferença havia entre um modo e outro de estar no mundo daqueles dois “objetos”? Estávamos sentados no chão enquanto fizemos vários exemplos analisando as duas ou três dimensões das esculturas e de vários outros objetos – o mapa na parede, um desenho no quadro evocando uma das esculturas feitas, o escrito no caderno, um fio de cabelo, uma cadeira – quando o Gustavo deu um salto e disse: “então EU sou tridimensional!” Algo irrompeu com o pulo daquele menino que traduziu o seu corpo no mundo a partir da experiência de modelagem com massa de papel.

Ao narrar minha experiência naquela escola ciclada, vem o entendimento de que muitas vezes fundamos outras relações pedagógicas e educativas e em outras tantas não. Porém, nunca fizemos algo que simplesmente pudesse ser replicado em qualquer outra escola, o que me deixa afirmar que era um fazer implicado com aquele contexto. Eu não ia somente dar aula em uma escola, como se houvesse uma síntese do meu agir no mundo como professora de Arte. Sentia-me ensinando artes visuais *com* aquele lugar, nas suas contradições e possibilidades, por isso permito-me novamente dizer que o Protázio proporcionou a fundação de uma prática pedagógica situada pela qual o componente Arte não pode ocorrer por fora do que as pessoas *fazem e pensam juntas* em torno de um tema. Em vez de componente curricular com letra maiúscula, arte era a liga, vinculação.

Apreendi o que era democracia vivendo-a com colegas docentes mais (ou menos) experientes e politicamente posicionadas do que eu era naquela época, ao mesmo tempo em que ensaiava a democracia com a gurizada nas salas de aula. Era visto como um fardo compor as obrigatórias comissões do conselho escolar e a representação junto ao sindicato, por exemplo. Mas a uma segunda mirada, eram vivências de protagonismo, de responsabilidade e de inserção para tomar parte em um coletivo, tudo isso por meio da... escola pública!

A escola foi formativa, aquele trabalho foi uma formação profunda para mim. Exercer funções complexas como a articulação pedagógica e ver de perto os embates entre o setor administrativo e o pedagógico junto à equipe diretiva e gestões da secretaria de educação solicitaram observação apurada para tomadas de decisão no plano pedagógico e de convívio. E, isso, tendo em vista as tantas existências e responsabilidades abrigadas no que entendemos por educação escolar, por educação básica, por educação pública.

Hoje tenho a oportunidade de retomar a importância, por exemplo, dos conselhos de classe. Eram participativos, nos quais reuniam-se as representações de todos os setores da escola com cada turma para avaliar a aprendizagem do trimestre e os princípios de convivência. O que dizem as crianças de sete anos, sobre o funcionamento da merenda? E sobre o uso do pátio, junto às turmas mais velhas? Elas sabiam dizer muito bem o que estava bom e o que podia melhorar. Ouvi-las nas pequenas

assembleias de cada sala de aula era um modo de respeitar o saber da infância no exato momento em que articulavam o seu pensamento a partir do que viviam. Crianças ou adolescentes e pessoas adultas pensando juntas a escola é algo que muda a vida da gente, porque imprime um enorme senso de responsabilidade e de cuidado com tudo aquilo.

Abraçar novamente o período em que fui professora de Arte na rede municipal de ensino de Caxias do Sul é como aprofundar os sentidos daqueles espaços de fala e de escuta e dos exercícios de construção coletiva como partes de um processo de sustentação e de renovação das formas de coletividade da escola e a partir dela. Ao propor a escola pública como lugar de fundar algo juntos, faço uma aproximação com algumas ideias presentes no livro *Elogio da Escola* (LARROSA, 2017) onde, por exemplo, Masschelein e Simons consideram que “ainda vale a pena lidar com o futuro do nosso mundo e das gerações vindouras nesse modo pedagógico que chamamos escola” (2017, p. 23). Isto porque não apenas o ensino e a aprendizagem, mas a dimensão pública e política da escola e o seu modo pedagógico de ser, permitem tornar as pessoas atentas ao mundo e disponibilizar o conhecimento a quem quer que seja.

Walter Kohan, no mesmo livro, analisa o que pretende quem cerceia e policia a forma escolar quando resumem sua função ao mero ensino de conteúdos. Com o autor, compreendo que a escola é eminentemente pública e política na medida em que “instaura um espaço para renovar a ordem social” e quando “permite aos seus participantes tomar distância do mundo tal como é habitado socialmente para poder recriá-lo ou habitá-lo de outra maneira” (KOHAN, 2017, p. 80). Os exercícios políticos da educação

São exercícios de *atenção para alimentar uma vida atenta*, à espreita, uma espécie de atletismo escolar, um *expor-se para estar preparado à exposição*, uma vida estudantil de experimentos e exercícios com outros, de exercícios de pensamento para pensar e ver o mundo de outra maneira, para atentar e habitar de outras formas o mundo comum... (KOHAN, 2017, p. 80. Grifos meus).

Em aproximação às ideias da pesquisadora argentina Inés Dussel, a escola talvez seja o espaço onde dedicar-nos cotidianamente ao exercício de abrir sentidos que cuidem dela e a expandam. Motivo disso é que a escola

[...] não se estabilize nem no efêmero nem no descartável, mas como uma condição vital de uma montagem sempre à beira de sua destruição, mas também em movimento, aberto capaz de apresentar o mundo e de ajudar a criar novas montagens, imaginando outros futuros. (DUSSEL, 2017, p. 109).

Uma escola que nunca é fixa ou estável, um lugar onde existe a fragilidade do que não cessa de germinar, é o que aprendi sendo professora na escola pública e o que me dedico a transmitir para as próximas gerações docentes.

Como professora universitária atuante em graduação e pós-graduação em educação e artes, interajo com várias escolas no interior do estado e na região metropolitana de Porto Alegre, onde atuam estudantes de licenciatura em artes visuais e docentes que fazem o mestrado profissional. A maioria delas pertence à rede estadual de ensino. A precarização realizada pelos governos do estado gaúcho hoje está em um patamar que se pode dizer que é de uma degradação normalizada, anos sem realização de concurso faz com que professoras venham atuando a mais de uma década em contratações temporárias. A cada ano, com sorte, vem um novo contrato, mas não sem nascer de um rompimento dos laços educativos de um ano letivo: que energias motivam estudantes e professoras quando o vínculo começa de um rompimento? Fico a pensar sobre que cuidados as gestões do município têm destinado ao bem comum que é a escola.

A classe política da gestão atual do país faz o mesmo processo de corrosão destrutiva com a educação, com arte e com a cultura. Isso permite recuperar uma escrita feita na inflamação do período eleitoral de 2018 e que processa de outro modo ainda a experiência docente. Naquela época foi compartilhada publicamente em uma rede social³ e agora vem completar a ideia do título do artigo: a escola pública como lugar de fundar algo juntos.

****Vida de professora 1****: as minhas primeiras experiências com a docência podem ser descritas a partir da vida como aluna. Entre final dos anos 70 e início dos 80, estudei em escola de freiras, em Caxias do Sul. Não tínhamos recursos para pagar a

3 Algumas alterações foram feitas para corrigir a escrita. Mantive a numeração original (nº. 1), pois faz parte de um conjunto de em torno de 10 relatos, todos feitos à mesma época.

mensalidade, então minha mãe procurava um político que dava uma bolsa. Havia algumas escolas públicas perto de casa e eu não sabia direito a diferença entre o colégio de freiras e os do estado. No primeiro grau, eram professoras as irmãs daquela congregação e outras mulheres e homens. Os que mais duravam dando aulas eram de dois tipos: os que tinham sobrenomes importantes ou os que eram concordantes com a congregação. Lembro especialmente de um ano em que as professoras de Português foram trocadas várias vezes e da conversa que uma irmã fez quando íamos receber um colega novo e que deveríamos acolher ele “com amizade”. O rapaz tinha uns 13 anos (na 3ª série), tinha um corpo maltratado e hoje sei que produzido por uma condição de vida bem difícil. Entretanto, a pobreza não era mais difícil do que ele sofreu naquela turma em 1979. Não lembro do colega ter terminado o ano conosco.

Nunca tive uma professora ou professor de pele negra e tive duas colegas negras entre 1977 e 1985. Por ser branca e a mãe ter um pequeno comércio, não sofri tanto pela cor da pele ou pelo sobrenome, mas soube que devia sentir muita vergonha do tênis embarrado, de chegar na aula encharcada de chuva ou até de usar sombrinha: “Teu pai não tem carro?” Em 1998 fui trabalhar numa escola da mesma congregação, em uma cidade próxima, como professora de Arte. A única colega negra que tive, alfabetizadora, foi demitida ao final do ano a pedido dos pais das crianças.

Em 2001 tornei-me professora de escola municipal. Fiz um concurso público e fui lecionar em um bairro longe do centro, formado de migrantes e gente de todo tipo, com muitas pessoas industriárias. Certa tarde, com um temporal vindo abaixo, algumas crianças aguardavam alguém ir buscá-las. Ficou muito frio de repente, mas não tinha jeito: todo mundo tomaria um banho de chuva. Naquele final de tarde, na escola, a vice-diretora e eu preparamos um menino para voltar para casa sozinho, aquele que com 7 anos que já era responsável por si: ensacamos sua mochila para proteger os materiais. Também seus pés, que sem meias tinham feito bolhas por causa do calor, foram ensacados e calçados novamente nos tênis. Um casaco esquecido por alguém protegeu um pouco do frio. Ficamos com ele, cuidando o tempo. Quando a chuva parou um pouco, dissemos que fosse para casa. Ficamos olhando até ele sumir na esquina.

Aprendi que a escola pública é tão mais que caderno e norma, ela me colocou no mundo de verdade, onde as forças humanas ensinam inclusive que o outro possa caminhar com alguma proteção até a esquina e mais adiante dela. Cuidemos da educação pública agora e sempre, façamos nosso voto pela humanidade dos laços sociais que se dão pela educação e sua dimensão pública,

disponível a todos e a cada um. Dedico isso a todas as colegas professoras e a todas crianças e jovens com os quais convivi na escola.

REFERÊNCIAS:

DUSSEL, Inés. Sobre a precariedade da escola. In: LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Tradução: Fernando Coelho. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

KOHAN, Walter Omar. Em defesa de uma defesa: elogio de uma vida feita escola. In: LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Tradução: Fernando Coelho. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. A língua da escola: alienante ou emancipadora?. In: LARROSA, Jorge (Org.). **Elogio da escola**. Tradução: Fernando Coelho. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

TIJOLOS COM NOME, OLHOS E CORAÇÃO

O sentir cada uma das relações!

Vágner Peruzzo¹

Sempre fui encantado pela escola.

Constitui-me professor na infância.

No início da década de 90, recordo com carinho que enfileirava os tijolos e passava horas “lecionando” para o Tijolo Alberto, para o Tijolo Ana, Tijolo Carlos, Tijolo Maria (...). Os tijolos tinham nome, olhos e, surpreendam-se, tinham um coração arranhado com formão. Os olhos e o coração eu desenhava com os formões do meu pai. Meu pai é escultor. Esculpe até hoje lindas torras de madeira. Bom pai que é me ensinou o manuseio dos formões. Ele não gostava muito que eu utilizasse os formões porque uma vez e outra eu costumava deixá-los sem “fio” (lamina afiada para cortar a madeira), mas eram com os formões que eu arranhava nos tijolos os olhos e o coração. Eu não sei o porquê os tijolos não tinham boca, nem ouvidos... Por certo, tinham olhos grandes para ver e coração para sentir esse mundo.

Tijolos com nome, olhos grandes e coração. A turma que, na infância, eu lecionava estava aprendendo as letras, adorava fazer experiências científicas (aquelas do copo, ovo, água, vela, fósforo, vinagre, bicarbonato...) e inventava mil brincadeiras. Eu acreditava que todo o dia era necessário fazer alguma bagunça, apresentar um material novo para ter a atenção dos tijolos. Lembro-me que eles raramente não cumpriam as regras. Quase sempre ganhavam estrelinhas e adoravam brincar.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS. Professor da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul e Diretor da E.M.E.F. Presidente Tancredo de Almeida Neves.

Eu não podia imaginar que quase 30 anos depois desta grande brincadeira, seria tão necessário olhar nos olhos das “gentes”, acolher o coração e chamá-las pelo nome. Em 2020 fomos obrigados a ficar em casa para nos protegermos do inimigo invisível. Ficar em casa soou forte. Era necessário o isolamento social para cuidar da saúde. As escolas fecharam, as ruas esvaziaram. Começaram a falar em tecnologia, promover Live, fazer reunião on-line, aula on-line, Estudos monitorados em casa. Parece, inclusive, que no mundo tecnológico se viveu 10 anos em 1. Eu confesso que não vejo nada novo, além das máscaras, mas percebo que muitas coisas mudaram (não sei se me fiz entender). A classe média alta segue sendo assistida pelo olhar tecnológico, a classe média baixa, segue sem internet. Os problemas da educação que descobrimos durante a pandemia não são problemas novos, eles sempre estiveram para quem quisesse ver. O novo é que essa desigualdade ficou escancarada. A falta de oportunidades, de recursos, de estrutura familiar, de políticas públicas educacionais inclusivas, de estímulos, e mesmo a falta da responsabilidade dos pais com a vida escolar dos filhos ficou evidente.

Participei de debates consistentes sobre perpetuar as tecnologias e inteligências artificiais, plataformas digitais, aulas digitais, lanche digitais (Opa, do lanche digital não falavam) na escola. Havia quem indicasse o não contato um com o outro na escola, mesmo na Educação Infantil. As crianças são essencialmente relação humana, olhos nos olhos e corpo no corpo. Se mesmo os tijolos tinham coração, olhos grandes e eram chamados pelo nome, seriam as crianças dos anos 2020 as que não sentiriam a necessidade deste olho no olho, corpo brincante e alegria?

Compreendo que a educação antes da pandemia engatinhava para uma educação emancipadora e crítica, por certo, faltava muito, mas convenhamos que corremos o risco de deixá-la ainda pior se a ênfase na tecnologia e a personalização digital substituir o sentir, o olhar e o fazer coletivo. Sim, a tecnologia mobiliza o mundo, mas o tocar, o sentir e o fazer coletivo mobilizam o ser humano.

Eu sigo assustado e impressionado com a falta que a escola fez na vida destas crianças/estudantes ao longo destes meses que ficaram em casa, afastados do convívio escolar. Não ter acesso à internet, smartphone, computador foi muito duro para os estudantes da escola que hoje estou diretor, mas não ter o contato com os colegas, não ter o olhar dos

professores, não ter o espaço e o tempo adequado para a leitura e a disponibilidade de recursos para tal e não ter o acesso ao lanche foi ainda pior. Lembre-se, na infância, ler o livro físico, tocar, folhear e sentir o cheiro das páginas é imprescindível.

Durante o isolamento social, na escola que ocupo a função na gestão, sempre esteve aberta. Foi consenso entre os professores e direção que, diante das características do território do qual a escola está inserida, seria necessário pensar os Estudos Monitorados impressos para todas as crianças/estudantes (da Educação Infantil até o nono ano do Ensino Fundamental). A escola está situada em uma região com alto índice de vulnerabilidade social. Território mapeado pelas forças de segurança devido ao alinhamento do tráfego e os mais diversos desdobramentos da violência. E foi a partir deste alinhamento que nos organizamos, inicialmente para 30 dias: Planejar as atividades e postar no drive, organizar o arquivo para impressão, fazer a impressão, grampear o material, colocar em pastas individuais, identificar as pastas com o nome completo de cada estudante e turma, organizar planilha de controle de entrega e retirada de materiais, organizar grupos do watts, mobilizar o professor a participar nos grupos (8% deles se negaram a estarem nos grupos de watts), produzir vídeos, organogramas, gravar áudio, esquemas para postar nos grupos de watts e aproximar a escola da família. Depois disso, o acompanhamento dos estudantes que estavam sem vínculo com a escola, a busca ativa, a distribuição de cestas básicas e marmitas (...). Há quem diga que não é função da escola distribuir alimentação, nós entendemos que diante do contexto pandêmico, essa atribuição foi incorporada a função social que da escola exerce no território. Foi desafiador, eu particularmente tinha medo, porque mobilizava 840 famílias, mas era necessário. Foi, e está sendo assim, com medo.

Como acreditar que num piscar de olhos a humanidade passaria a viver um período confuso e enigmático. A escola, a aprendizagem, os professores, as crianças e estudantes protagonizando a história de um vírus que muda o roteiro dos sonhos e das verdades de cada um.

Aos poucos a escola vem se organizando para o retorno total da presencialidade. A natureza tem em si a capacidade de renascer. A escola está renascendo! Renasce a cada criança/estudante que retorna para a escola. Renasce a cada bom dia Alberto, bom dia Ana, bem-vindo Carlos,

boa tarde Maria que entoamos no portão da escola no turno da manhã e no turno da tarde.

Se lá na minha infância, início da década de 90, parecia importante olhar nos olhos, chamar pelo nome e considerar a força das emoções (mesmo que fossem dos tijolos), me parece que em 2021 isso se torna inerente à função da escola.

Depois de quase 24 meses de pandemia, ainda vivemos a tentativa de uma licitação para ofertar internet aos estudantes (Ora, se o professor dependesse exclusivamente da internet!). A escola renasceu! A escola está viva porque o que impulsiona a aprendizagem, sobretudo entre as crianças/estudantes mais carentes não é a internet, **é o sentir de cada uma das relações.**

Salientando que sou um apreciador da tecnologia, manuseio diferentes plataformas digitais (inclusive procurem lá @peruzzovagner), mas me arisco a dizer que sou apaixonado pelas relações de “ensinagem e aprendizagem” que priorizam o sentir e o fazer em conjunto!

Saudações aos que têm a estranha mania de ter fé na escola!

NO MEU CAMINHO, UMA ESCOLA

Arlete Maria Spido¹

*“Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura,
fora da boniteza e da alegria”.*
Paulo Freire

O entusiasmo pela arte me acompanha desde de criança quando descobri a beleza e a magia dos traços, das cores, texturas e formas. Passava horas desenhando sem perceber o tempo que durava. Isso foi uma das alavancas que me fez refletir sobre meu futuro profissional. A pretensão pela profissão foi ainda mais forte com a influência de alguns professores durante minha graduação em Educação Artística pela Universidade de Caxias do Sul. O protagonismo deles, para mim, sempre foi forte, relevante e efetivo.

Passado este período veio o primeiro concurso público, a aprovação e a nomeação. Chegou o tempo de conhecer a escola, entrei em uma estrada estreita e sem pavimentação, ladeada de muitas árvores. Chegando, me deparei com um prédio pequeno, espaço externo descoberto e empoeirado. Mal imaginava que ali faria minha morada profissional. Confesso que os primeiros meses e porque não dizer, o primeiro ano foi de dúvidas e inseguranças. Meu coração foi acalmando e deu lugar a bons sentimentos, vontade de ficar e construir uma história junto com essa comunidade. Dos meus 24 anos como professora, vinte e quatro foram passados dentro da mesma escola pública da esfera municipal da cidade de Caxias do Sul. Período esse de indiscutível aprendizagem e ilimitada e constante troca de experiências, pois segundo Paulo Freire,

¹ Professora da Rede Municipal Ensino de Caxias do Sul. Graduada em Arte. Diretora da E.M.E.F. Villa Lobos.

quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Claro, nem todos os dias são maravilhosos, mas aprendo com eles também. Descobri que há uma indiscutível necessidade de se refazer e se reconstruir. Na dicotomia da vida, há muito aprendizado. Se hoje foi ruim, foi um dia pesado e com conflitos é porque conhecemos o bom, o agradável e o feliz. É esse momento que me faz acreditar e confiar na minha prática, no saber sorrir, ouvir, conviver e acreditar no potencial dos alunos. É ver o outro como um ser único e especial e não somente como um a mais.

É um privilégio conviver com a comunidade escolar e acompanhar suas transformações, evoluções e conquistas. Entre outras coisas, participei, comemorei e brindei junto com eles a chegada da água potável, a ampliação da escola, a instalação do telefone, a compra da primeira máquina de xerox e computador, abandonando de vez o grande parceiro, o mimeógrafo. A duplicação e asfaltamento da estrada que liga a BR 116 até a comunidade, a implantação do projeto Prato Limpo e o Laboratório de Informática na escola, também celebrei e enalteci. Ademais, testemunhei o acréscimo da trajetória do ônibus até as áreas mais elevadas, a instalação da Unidade Básica de Saúde, o calçamento de algumas ruas, a construção da quadra de esportes da escola e acesso à internet.

Porém, com um sorriso no rosto, admito que o mais gratificante e emocionante é ter visto meus ex-alunos crescerem e presentemente poder ser professora dos filhos deles, isso não tem preço!

SUICÍDIO CIVILIZATÓRIO

Pablo Ostemberg do Nascimento¹

Prezados, buscarei nesta frívola reflexão convidá-los ao gozo de puro entretenimento cognitivo acerca de nossa mendicante educação pública. Porém, antes, será necessário darmos o prosseguimento ao conceito do exórdio proposto no referido título.

Civilização: 1. ato ou efeito de civilizar(-se). 2. conjunto de aspectos peculiares à vida intelectual, artística, moral e material de uma época, de uma região, de um país ou de uma sociedade.

Suicídio: é o ato de causar a própria morte de forma intencional.

Suicídio_Civilizatório: união dos dois conceitos anteriormente citados.

Conheces alguém em idade escolar muitíssimo estudioso? Imagine agora perguntar para o estudante ou aos seus pais qual percurso profissional ele gostaria de tomar?

Provavelmente dirão: Medicina, Direito, Engenharias, Odonto, entre outras profissões, mas licenciaturas? Duvido muito e caso pronunciado, será motivo de temeridade pelos responsáveis. Qual pai ou mãe sonha para o seu filho ou filha, que são muitíssimos dedicados e aplicados aos estudos, ouvirem deles que seu desejo é tornarem-se um futuro professor? Pelos pais, este desejo é percebido como um enorme desperdício e talento de estudantes tão promissores.

Com esta introdução, inicio minha reflexão: é ou não é um “suicídio civilizatório” termos nossas melhores mentes, as mais brilhantes, repelindo a carreira docente? Resta-nos contentarmos com raras exceções

1 Atualmente, Professor de História da Rede Pública de Caxias do Sul-RS e de Farroupilha-RS. Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Especialista em Metodologia do Ensino de História e de Geografia pelo Centro Universitário Internacional – UNINTER. E-mail: pabloostemberg@gmail.com

que teimosamente insistem, apesar de suas mentes ímpares, percorrerem o caminho das licenciaturas.

Sei que minha reflexão parte de um raciocínio tétrico, mas qualquer pessoa que entenda minimamente de educação brasileira e que honestamente se propõe a refletir sobre o tema, chegará a conclusões semelhantes. A problematização urge! Então como teremos um salto de qualidade no saber e no ensino se perpetuarmos um exército de mentes “mediócras” na docência? Visto que as mais brilhantes, salve honrosas exceções “masoquistas”, perseguem as profissões com maior prestígio e remunerações. Acreditar que um exército de professores, cujo o próprio currículo progresso estudantil desde o ensino fundamental ao ensino médio, bem como os exames prestados, sejam no Enem ou nota classificatória no vestibular prestado não encontram-se entre as mais notáveis(maiores médias), mesmo assim caberá a estes, ensinarem e qualificarem singularmente as novas e joviais mentes? No mínimo é fruto de uma expectativa extremamente otimista e de total ausência de racionalidade. Caso fosse o inverso, certamente estaria eu arrebatado com tamanho entusiasmo em futuro tão promissor, mas para isto, seria necessário cooptarmos as melhores e mais brilhantes mentes para as docências, seria necessário conduzirmos, lapidarmos e encaminhar estas mentes brilhantes para ocuparem o seu lugar de destaque, serem os futuros Professores! Como não ficar otimista ao sabermos que os docentes são oriundos de um percurso exitoso em sua escolarização, desde a Educação Básica até sua aprovação e com alto grau de aproveitamento pós ingresso ao ensino superior. Como não ficar otimista em saber que aqueles que cortejaram o conhecimento desde sua infância, que se destacaram como estudantes primorosos e que irão se tornarem promissores Mestres! Como não ficarmos otimistas ao sabermos que um exército de apaixonados pelo saber, nortearão nossos pequenos e grandes escolares, nas mais inúmeras modalidades de ensino.

Prezados, eu realmente lamento o tom jocoso, mas nossa realidade há décadas no ensino brasileiro é justamente o oposto do que me deixaria deverás otimista! Estamos cometendo um Suicídio Civilizatório desde muito. Precisamos com urgência de grandes mentes em todas as modalidades de ensino, precisamos para ontem atrair as maiores mentes à docência e para isto, significa equiparmos os planos de carreiras, as

remunerações e condições de trabalho dos professores ao dos melhores planos de carreiras e remunerações ofertados hoje às profissões mais desejadas. Faz-se necessário que a carreira de Professor seja cobiçada por muitos, para tornar-se a grande aspiração profissional em decorrência do prestígio social e de sua alta remuneração.

Porém, voltando-nos a nossa ordinária realidade, poderia sugerir aqui algumas alterações com o intuito de vislumbrarmos futuro mais promissor para a educação. Parto de minha subjetividade derivada ao longo de quase duas décadas de prática docente e de quatro experiências distintas municipais. Alguns municípios como o de Caxias do Sul realizam grande proeza ao contar com o quadro de servidores públicos da educação, onde todos são devidamente concursados e nomeados para suas respectivas formações. Por mais estranho que pareça, conheço muitos municípios cujo o quadro de professores, contam com metade dele apenas, composto por servidores concursados e nomeados em suas respectivas áreas de formação. Muitos estão em regência de classe e se quer têm formação para tal, isto quando se quer estão cursando a mesma área em que atuam como “docentes”. É meus amigos, acreditem... em muitos lugares a educação é utilizada como balcão de negócios e o ato de ser professor é um “bico” oriundo de promessas de campanhas eleitoreiras, cuja a moeda de troca são os votos.

Não bastasse o hercúleo desafio de amealharmos grandes mentes para docência, em muitas realidades se quer contamos com um quadro composto por profissionais formados em suas respectivas áreas do saber. Sendo assim, respondam por favor se é possível dar certo a nossa educação ofertada nas redes públicas? Vos pouparei da queima de vosso precioso fosfato, a resposta é claro que não!

SUICÍDIO CIVILIZATÓRIO II

Lamento informá-los, mas temos outros empecilhos além destes... quanto aos planos de carreiras já estabelecidos, saibam que quase todos os planos existentes estimulam os docentes a abandonarem as salas de aulas, para ocuparem cargos administrativos dentro da própria escola ou em outras secretarias e autarquias. Não se espantem com tal debandada, eu vos explicarei parte desse fenômeno que é cada vez mais presente e

recorrente entre nós docentes.

Não bastasse o dito anteriormente, constatamos um número significativo de professores, que embora concursados e nomeados, são cada vez mais raros os que desempenham seu cargo de nomeação ao longo de toda sua carreira profissional em sala de aula. É muito comum encontrá-los em outras funções, pois, ainda não há concursos específicos para tais preenchimentos, tais como os de direção de escola, vice-direção de escola, coordenador pedagógico, apoio, laboratório de informática, biblioteca, entre outras funções sazonalmente criadas. Muitas delas por meros caprichos discricionários de autoridades nem sempre a altura dos cargos que ocupam. Os motivos que seduzem os professores a abandonarem as salas de aula, devem-se há muitos fatores, entre os quais citarei alguns: as funções gratificadas, famosos FGs, ao alívio sentido pelos docentes ao não serem mais massacrados e afogados pela burocracia constantemente inventada e acrescida no decorrer do seu pleno exercício de regência de classe, pois, lecionar é cada vez mais secundário aos professores. Confesso que jamais percebi alguma correlação entre a burocracia pedagógica e o bom professor em sala de aula, normalmente ambos são incompatíveis.

Hoje contamos com números cada vez mais escaços de docentes que com enorme acúmulo de experiência em sala de aula, e com os quais poderiam robustecer o conhecimento já precário dos estudantes, tais mestres, estão evadindo para funções menos complexas e menos impaciantes para a aprendizagem dos estudantes numa verdadeira e progressiva debandada.

Pergunte a um professor que já acumula 15, 20 ou mais anos de prática docente o por quê deles estarem ocupando ou desejando funções outras que não a designada por seus concursos. Acredito que as respostas se assemelharão as justificativas já mencionadas, principalmente devido ao excesso burocrático de preenchimento de planilhas estéreis e de horas inutilmente gastas para o “pedagogiquês” da moda educacional vigente.

Contrapondo a esta debandada, sugiro aqui uma valorização diferenciada para cada ano de permanência do docente em regência de classe, uma valorização pecuniária e simbólica anualmente, mas que na soma dos 25 ou 30 anos de contínuo trabalho em regência em sala de aula, represente um belo diferencial para quem se dedica exclusivamente

às aulas. Quanto as funções de direção e vice-direção de escola, coordenação pedagógica, entre outras, caso sejam realmente necessárias, então que se instituem os referidos cargos e seus respectivos concurso para os seus respectivos preenchimentos, moral e legal.

Até aqui são apenas sugestões de alguém com ócio suficiente para dar pitacos a partir de sua efêmera experiência docente. Sendo assim, sugiro que funções como biblioteca, apoio e laboratório de informática, entre outras de cunho auxiliar na educação, sejam preenchidas por estagiários que cursam as mais diversas licenciaturas, graduações em biblioteconomia, informática, contabilidade, entre outras graduações, pois, atenderão a contento as respectivas funções menos complexas e sem subutilizar os professores de cargo efetivo.

Sei que o percurso é longo e urgente sua guinada, por isso me atrevi aqui nesse reduto espaço, expor minhas impressões e percepções do fazer docente em escolas fisicamente reais e contemporâneas.

SUICÍDIO_CIVILIZATÓRIO III

Apesar da Constituição vigente garantir como um dos objetivos gerais da educação em seu Art.205: O pleno desenvolvimento e a qualificação da pessoa para o trabalho.

Em minha insípida caminhada de quase duas décadas na educação, apesar de atualmente ter e já ter tido muitos estudantes com 14 anos ou mais, ainda não consegui ver esse nobre objetivo constitucional ser implementado e priorizado por nenhuma Rede de Ensino Municipal. Embora saibamos que o nosso alunado são em sua grande maioria, oriundos das periferias e encontram-se em vulnerabilidade social e sendo premente sua inserção na obtenção de atividades remuneradas.

Lembro aos incautos, em particular, que a região nordeste do Rio Grande do Sul é a região mais rica do Estado e já contamos, em Caxias do Sul, com o segundo maior PIB do RS. É vergonhoso não termos implementado ainda políticas públicas que vão ao encontro de potenciais parcerias que poderiam resgatar muitos estudantes de suas condições aviltantes financeiramente falando e projetar futuro mais esperançoso a milhares deles. “Quem tem fome tem pressa!” né Betinho.

Sei que o tema é polêmico e que infelizmente o pensamento

vigente é o de incompatibilizar educação básica com o mundo do trabalho, porém isso não faz o menor sentido frente as atuais legislações, como a do menor aprendiz, que garantem e estimulam plenas condições para a execução de ambas. Ainda mais sensível e polêmico é a predominância do discurso entre docentes e chefes do executivo ao realizarem defesas fervorosas quanto à condução e efetivação da educação pública, porém hipocritamente, os mesmos matriculam os seus filhos em sistemas privados de ensino. Sei que aqui acabo de atrair paixões bem primitivas de alguns dos meus pares, mas é a mais pura exposição dos fatos! Diriam alguns pensadores que obrigar crianças a passarem compulsoriamente por bancos escolares da educação pública, seria condená-los duplamente, primeiro por nascerem pobres e segundo por ofertar uma educação pobre aos mesmos.

Caso sejam feitos cálculos básicos de matemática, certamente haverá a constatação de que ao mantermos escolas públicas em funcionamento, devido aos inúmeros custos, tais como o do transporte escolar, manutenção, reformas, locações e folhas de pagamento dos servidores envolvidos e dividirmos essa fatura pelo número de estudantes atendidos, chegaremos a conclusão de que cada estudante da rede de ensino público equivalerá há uma fração da mensalidade cobrada dos estudantes matriculados em escolas privadas. Não seria mais justo oportunizarmos “voucher” a quem queira estudar em escolas privadas? Conferindo assim igualdade de acesso aos que julgarem ser melhor atendidos no sistema de ensino de sua preferência? Por que gastamos tanto com tão pouco retorno, por que insistimos em desprezar a racionalidade e eficiência com o mau uso do erário? Convertemos a nobreza da justificativa da existência do Público em um sumidouro de recursos com pífios resultados e discursos apaixonados em defesa de uma esquizofrênica percepção dos que dela percebem seus proventos e que não fazem o uso da mesma para os seus próprios filhos.

SUICÍDIO CIVILIZATÓRIO IV

Nem só de críticas vive o professor que vos escreve, frente ao exposto até o momento ficam aqui minhas humildes sugestões que nada mais visam que a franca colaboração com a Prefeitura a qual faço parte e

fico desejoso em contribuir, se possível for.

Acredito que todas as pastas do executivo precisam revisitar o seu atual quadro de servidores e dentro do razoável, criar ou manter cargos essenciais ao seu bom funcionamento e claro, todos devem ser preenchidos via concurso.

Na Secretaria de Educação por exemplo, onde tenho maior facilidade para opinar, há inúmeros servidores e em especial, docentes que ocupam as mais diversas funções. Como assessores pedagógicos, agentes administrativos, auxiliares de contabilidade nas prestações de contas das direções de escolas, escrituração, jurídico, entre outras funções criadas a revelia da gestão vigente. Precisamos aperfeiçoar e garantir cargos permanentes, onde o investimento em cursos de qualificação sejam contínuos e que resulte em serviços prestados com qualidade cada vez maior à população. No momento temos um enorme rodízio de servidores que são trocados maciçamente a cada gestão que assume a prefeitura e que dificilmente permanecem pós quatro anos, pois, são atrelados à gestão anterior e não alinhados com a atual. Há um enorme desperdício do erário em qualificar tais servidores temporários, criando um ciclo incompleto, um enxugar de gelo sem fim. Praticamente a cada quatro anos, todo um investimento em qualificação profissional é desperdiçado com a evasão de um grupo e a chegada de outro. Mantendo este atual cenário é como se disséssemos que as funções realizadas são de baixa complexidade e podem ser substituídas com enorme rotatividade e sem quaisquer prejuízos a qualidade na condução das políticas públicas proposta pelas gestões eleitas a cada quatro anos. Fico imaginando uma empresa que trocasse quase todo o seu quadro de trabalhadores de quatro em quatro anos, o caos que seria. Não haveria continuidade e tão pouco especialista em áreas específicas e vitais para a competitividade e sobrevivência da mesma. Questiono-me, por que há tão pouco apreço no espaço público pela racionalidade no uso de seus recursos? Imagino se utilizássemos o simples racional que fazemos com nossos poucos recursos que contamos em nossos orçamentos domésticos, o quanto mais eficiente seria a administração pública. Precisamos também combater a irracionalidade ao gerirmos recursos finitos frente a necessidades quase infinitas de nossa população, que são os pagadores de impostos, do contrário para que servem o Município? o Estado? e a União?

A ESCOLA ENTRE SONHOS E DEVANEIOS

Cristiane Beltrame Padilha¹

Apesar de a escrita fazer parte da nossa jornada diária, nem sempre escrevemos sobre as impressões e lições que temos ou tivemos, individuais ou partilhadas. A oralidade é muito mais utilizada, e, neste momento, este é o desafio: registrar a caminhada na Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul, ao longo das últimas décadas, com leveza e um pouco de humor.

Vivemos um tempo de muitas utopias. De sonhar com linha telefônica na escola, ter a fantástica máquina copiadora que dispensaria os mimeógrafos e nos pouparia, a linha de ônibus passar perto da escola, quem sabe livros didáticos para todos e até rua pavimentada. Sonhávamos muito, lutávamos por cada um destes sonhos, que, pouco a pouco, foram se tornando realidade. Eram os anos de 1991, 1996, 1999. Nestes tempos, as reuniões de professores tinham debates acalorados. Lia-se e estudava-se muito. Muitas novidades vindas de perto e de longe. Metodologias e teóricos que palpitavam no nosso imaginário, num coletivo de professores que ansiava por inovação na educação, por incluir e promover a gurizada do bairro, oferecer EJA aos maiores e adultos. Os seminários de educação reuniam milhares de colegas, onde se debatia e questionava tudo. Recém-saídos do processo de abertura democrática pós-regime militar, a ousadia vibrava em nossas veias. E o melhor, não éramos reprimidos, mas encorajados a buscar alternativas, possibilidades.

Acertamos muito e erramos um bocado de vezes. Pressionamos para a elaboração da nova LDB, que chegou tipo o AI-5, em dezembro, trazendo novidades para as quais faltavam clareza e operacionalização.

¹ Professora de História. Diretora da EMEF Prof^a Ilda Clara Sebben Barazzetti.

Afinal, a educação infantil saiu da assistência e caiu nos braços da educação e os orçamentos dos municípios não sabiam onde “alocar” a criança. Foi um agito só. Hoje, é tão natural que relembrar esse episódio parece estranho. E com a LDB veio a inclusão, as novidades na avaliação, os 200 dias letivos, os Conselhos Municipais de Educação se multiplicaram, fizemos o Plano Nacional e Municipal de Educação e tanto mais. E os sonhos novamente se materializavam, nem sempre como era esperado. Ao final desta década, até o mestre Paulo Freire esteve em Caxias do Sul, para nos fazer esperar ainda mais, acreditar no outro e buscar conhecer a realidade.

Salas ainda muito lotadas, estrutura deficitária e seguimos na luta pelos anos 2000. Construções e investimentos aumentaram, o PROINFO cresceu e os computadores deixaram de ser novidade. Turmas e escolas de EJA cresciam para atender a demanda, de alunado e do mercado de trabalho. As ISOs forçaram os trabalhadores a estudar, e a vida apurou o tempo perdido na infância e adolescência. Em 2009 chegou a primeira pandemia do período, a Influenza A, H1N1. Interrompeu-se o ano letivo, muita ansiedade e a estranheza com essa situação nos deixou perplexos. Filas nas unidades de saúde para vacinar, mutirão nas escolas e desde então, todo inverno temos a rotina de tomar a vacina da gripe, que agora já é quadrivalente!!

Depois tratamos do enfrentamento ao preconceito e ao racismo, o respeito aos nossos povos originários, à diversidade de gênero e toda cultura que compõe a humanidade. Lutas duras, coloridas e permanentes, que ainda nos acompanham a cada dia, a cada conversa e em toda piada ridícula que algum amigo ou parente faz de quando em vez.

Chegamos em 2020 imaginando que seria melhor, mais feliz, próspero e generoso com a educação, com as crianças, as professoras (sim, somos maioria neste ofício e, ao menos uma vez no texto, nos dê esse direito). E então chega o fatídico 18 de março, quando as aulas foram interrompidas e o vazio ocupou a nossa rotina. Vazio de respostas, vazio de perspectivas, vazio nas ruas, vazio, vazio...

Reinventamos-nos. Aliás, este termo foi repetido incansavelmente naquele ano. Todos os “re” ganharam espaço: reorganizar, readequar, ressignificar, rever, refletir, repensar...re...re. Férias antecipadas, planos desfeitos, ansiedade, pânico. E tudo isso era por números ainda pequenos,

numa pandemia da Covid-19 que começava a crescer. Gripezinha, coisa de gente fraca, mimimi, dizia o presidente. O confronto polarizado, e não a ciência, protagoniza o enfrentamento à pandemia que ceifaria a vida de mais de 620 mil brasileiros e brasileiras, crianças, jovens, idosos.

A Covid-19 desfaz a escola que conhecemos, fecha, restringe, limita, impede, proíbe. Partilhar material com os colegas? Não pode! Abraçar e amparar quem sofre? Nem pensar! Desensinamos as crianças, porque pedir para que não emprestem seu material ao colega nos parte o coração. O individualismo que combatemos por tantos anos vence, neste momento, disfarçado de vírus, a luta que temos por um mundo melhor, mais justo e equilibrado. Evitamos nos reunir na sala de professores, alternamos o horário do lanche, tudo para evitar aglomerações e o contágio que cresce a cada dia.

Tivemos estudos 100% remotos, pilhas e pilhas de páginas impressas, para que chegasse a todos, sem exceção. Página da escola no facebook, contas de e-mail e grupos de whatsapp, multiplicaram-se as estratégias, cada uma no formato mais adequado à realidade vivida. Paulo Freire seguia lá, presente no dia a dia, nos lembrando das lições valorosas de suas obras e experiências na alfabetização. Colocar-se no lugar do outro, adaptar a linguagem para se fazer entender e viabilizar o apoio das famílias aos seus filhos, produzir vídeos e orientações que animassem à participação. A tecnologia invadiu nossas vidas, nossas famílias, a jornada de trabalho ficou intermitente (na vida e na reforma trabalhista), coordenar aulas e família foi mais um desafio a superar.

Retornamos às escolas em 2021 com escalonamento. Tivemos menos de quinze estudantes por turma, como sempre desejamos, e não foi o sonho que se imaginou. Meia turma, ou menos ainda, não significou aprender mais, ou melhor. Significou que parte dos estudantes não estava na sala, não partilhou o que foi debatido e construído, porque a tecnologia aproxima as distâncias, mas nem sempre supre a riqueza das vivências presenciais.

Também costumávamos dizer que seria bom conhecer a casa de nossos alunos, saber mais deles. Entramos na casa da maioria deles, pelo celular ou notebook, e isso não significou saber mais sobre eles ou como ajudá-los. Vimos o quarto, ou a sala, o maninho brincando aí ao lado, barulho de quem mais morava na mesma residência, porém estas

informações nos trouxeram menos subsídios e elementos construtivos do fazer pedagógico do que esperávamos.

Tivemos, sim, a certeza do papel fundamental que a escola e os professores fazem na vida dos estudantes e das famílias. Desfez-se a dúvida sobre o papel social e de humanização que a instituição escola cumpre nas nossas vidas. Reafirmou-se que a educação é prioridade, mesmo com o teto de gastos tentando nos oprimir e reprimir.

Estar na escola nunca foi tão importante e também estranho. Os menores chegavam ao portão e olhavam assustados para o pátio onde alguns colegas estavam circulando, higienizando as mãos e calçados para entrar na escola. Os maiores misturavam a alegria do encontro com o receio de se aglomerar, a preocupação por estar maior, magro ou gordo, desbotado pela falta de atividades ao sol. Adeptos da madrugada preferiam não voltar à escola, mesmo com o uso do celular fazendo parte da rotina diária. Cair, se sujar, ter pequenas frustrações, tudo foi motivo de “crises de ansiedade”, termo amplamente difundido, mesmo entre as crianças. Tentar e repetir, persistir, perseverar, foram os verbos mais utilizados nas conversas com as famílias, professores e estudantes.

A familiaridade no uso do celular e do computador não significou sucesso no uso pedagógico das tecnologias digitais. Fazer do equipamento um facilitador para os estudos e para a aprendizagem é uma lição que ainda está sendo ensinada. Ter “horas de prática” diária diante de uma tela não trouxe o resultado esperado para a maioria dos nossos estudantes. O apelo permanente das redes sociais, a dificuldade em manter o foco sem a presença de um professor mediador, apontou para uma das fragilidades a superar: o desenvolvimento de hábitos que promovem a autonomia, a autoconfiança e a busca por soluções aos desafios da vida diária. E aos colegas professores, a nova formatação de aulas e materiais também exigiu muito trabalho, dedicação e superação. Na experiência de gestora, tentamos antecipar as demandas e necessidades, com a dificuldade do desconhecido perturbando o caminho, porém com a expectativa daqueles que nos cercavam, de que tivéssemos as respostas.

Fala-se em habilidades e competências na maioria das reuniões e debates, porém o caminho para que se desenvolvam e aprimorem ainda precisa ser pavimentado, aprimorado. Saber fazer está agora na lista dos sonhos da escola pós-pandemia. Mas não se trata do saber fazer de dois

anos atrás, e sim da nova roupagem que recebeu em razão das necessidades da vida real. Comentávamos nestes dias, durante a escola de férias, que as saudosas aulas de técnicas domésticas, comerciais ou industriais foram úteis e talvez o sejam novamente. Certamente, não serão aquelas técnicas, mas as que se percebem necessárias agora, no presente imediato e apressado que nos engole a cada 24 horas de um novo dia. Trata-se de deixar as crianças e adolescentes crescerem, saírem da bolha na qual são mantidos, ou por excesso de zelo e cuidado ou pela passividade com que passam pela vida, com seus familiares servindo-os, resignadamente. Significa sujar a roupa, gastar as calças no joelho, raspar a ponta do tênis, corar o rosto pelo sol, significa VIVER intensamente cada dia de vida e de oportunidades que temos.

Que escola teremos neste ano que se avizinha? Espero, sinceramente, que seja uma escola viva, onde pulse o compromisso pela educação pública de qualidade, com a aprendizagem de cada um e cada uma, a postura ética e corajosa de combater todas as formas de preconceito e opressão. Que tenhamos a escola inclusiva e acolhedora que tanto nos faz falta, com boas risadas e muitos pontos de interrogação povoando os pensamentos de quem busca aprender.

Sonho? Devaneio? Difícil dizer. O que podemos afirmar, sem medo de ser feliz, é que nosso país precisa da educação, da escola, da presença de professoras e professores, das merendeiras e higienizadoras, dos secretários, do diálogo e parceria com as famílias, de atividades de integração que nos façam cada dia mais orgulhosas da nossa profissão. E nesta luta pela educação e pelo nosso futuro como nação, a vacinação de toda a população assume um papel decisivo. Já sofremos muito a perda de pessoas queridas, é hora de evitar a dor, de vacinar para passar por mais uma pandemia.

É “Esperançar”, sempre!

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 11 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**.

Educação é a base. Brasília, DF, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

REFLEXÕES SOBRE VALORES HUMANOS E PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

André De Campos¹

Parte 1 - Por uma Cultura de Paz

O mundo de hoje anda cada vez mais conturbado, agitado e violento. A mídia, as tecnologias de informação e comunicação, a internet em geral agravam essa situação reportando incessantemente matérias e notícias que vão desde a destruição do planeta à destruição de vidas por guerras, epidemias, pela violência urbana e as mais diversas formas de opressão. A violência já está bastante denunciada e quanto mais falamos dela, mais lembramos sua existência em nosso meio social e ambiental. Precisamos trilhar um caminho oposto, que potencialize os direitos e valores humanos, essenciais para a construção de uma sociedade verdadeiramente civilizada e solidária.

Assim como se educa para a violência, também se educa para a paz. Gandhi dizia que só existe um caminho para a paz e a paz é o caminho. A construção da paz é uma construção cultural, portanto, não implica apenas na ausência de guerras, oposições ou conflitos, mas pressupõe a resolução pacífica dos mesmos, além de uma mudança profunda nos valores e paradigmas que sustentam a sociedade contemporânea.

A Lei nº 13.663, sancionada em maio de 2018, incluiu a promoção da cultura de paz e da não violência nas escolas. Promover a cultura da

¹ Professor da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Licenciado em História. Especialista em História do Brasil. Facilitador de práticas restaurativas pela Ajuris e pelo Instituto Latino Americano de Práticas Restaurativas IIRP.

paz nas escolas se constitui num grande e constante desafio, principalmente pelo fato de a escola ser um organismo vivo, dinâmico, diversificado, de convivência e socialização, portanto, natural para que os conflitos e violências façam parte do ambiente escolar, até porque, muitos “valores”, construções e mazelas sociais se refletem dentro do mesmo e vice-versa.

A construção da paz nas escolas se faz diariamente, por meio das nossas atitudes, enquanto educadores e educandos, ambos seres humanos. A escola, sendo espaço de convivência e construção do conhecimento, precisa ser um local seguro, harmônico, atrativo e agradável, onde o centro das atenções seja o ser humano, na sua integralidade. Nesse sentido a escola precisa trabalhar pedagogicamente no sentido de aperfeiçoar as relações interpessoais, por meio da escuta empática, do diálogo, do respeito mútuo e da generosidade. Ferramentas democráticas de participação, mediação de conflitos, comunicação não violenta e práticas restaurativas são fundamentais nesse processo de educar para a paz.

Parte 2 - Práticas Restaurativas na escola

Dentre as ações necessárias para o retorno das atividades presenciais nas escolas, quando for possível e diante de toda complexidade do cenário, estão as práticas restaurativas, ferramentas fundamentais para harmonizar e humanizar as relações interpessoais de toda a comunidade escolar. Existem várias modalidades de Práticas Restaurativas que podem ser utilizadas nesse processo e que fazem a diferença a favor da boa convivência escolar: reuniões restaurativas, declarações afetivas, perguntas restaurativas, círculos de diálogo e construção de paz são alguns exemplos.

Acredito que em função da complexidade de sentimentos e experiências que surgirão nesse reencontro, o primeiro esforço das direções escolares deverá ser no sentido de escutar as necessidades dos professores, a fim de que estejam e se sintam psicológica e emocionalmente preparados, para posteriormente ouvir os estudantes e assim construir estratégias para atender e satisfazer as mesmas. A escuta empática e o diálogo mais do que nunca terão um papel fundamental no acolhimento de todos os sentimentos e emoções advindos da comunidade escolar.

Marcas de ansiedade, angústia, problemas financeiros, perdas humanas (familiares e amigos), incertezas, mudanças de hábitos, insegurança e medo são algumas mazelas emocionais a serem enfrentadas e superadas gradativamente. Alguns valores fundamentais das Práticas Restaurativas mais do que nunca deverão ser potencializados: a esperança em dias melhores, o respeito ao outro, a solidariedade, o humanismo, o sentimento de compaixão e responsabilidade mútua.

A escola é um espaço privilegiado para esse aprendizado, pois a convivência com as diversidades, adversidades e divergências possibilitam experiências significativas para a formação humanística. Todos irão precisar de ajuda no retorno e no exercício da convivência! Ressignificar a escola e o retorno às aulas por meio de um olhar e uma escuta diferenciada será imprescindível para a harmonização das relações interpessoais e a promoção de ambientes saudáveis, que facilitem a comunicação não violenta, o protagonismo estudantil nas práticas e aprendizagens, a empatia e o cuidado de todos para com todos.

Parte 3 - Dissemine a "Pazdemia"

Numa época de incertezas e incredulidade perante a epidemia que vem dizimando milhares de pessoas no mundo inteiro e agora tem o Brasil como epicentro, espalhando sofrimento, angústia, ansiedade e consequências socioeconômicas, sanitárias, políticas e culturais, faz-se necessário revisitarmos valores que jamais deveriam ser esquecidos, deturpados ou deformados pelas pessoas.

Num momento no qual quem deveria inspirar confiança a nação, por meio de bons exemplos, transparência, respeito e empatia pelos mais vulneráveis não apenas ridiculariza a gravidade do vírus, como acaba incitando o ódio e a intolerância, numa demonstração de desumanidade, insensibilidade e despreparo emocional para lidar com a crise. Portanto, diante de tais circunstâncias temos que buscar forças para mantermos o equilíbrio físico, psicológico, espiritual e também financeiro.

Época de exercitarmos a nossa capacidade e habilidade de adaptação ao momento difícil de isolamento e distanciamento social, nossa resiliência física e emocional perante situações estressantes, nossa capacidade de resolver os problemas e preferencialmente aprender com

eles. Na verdade, esses episódios, por mais árduos que sejam, devem servir para que possamos crescer e amadurecer espiritual e humanamente, no sentido de potencializarmos alguns valores humanos como a empatia, o cuidado, a bondade, a compaixão, a solidariedade, o amor e a paz. Pode parecer utópico da minha parte, principalmente num sistema excludente, economicista e individualista, mas penso que é sempre tempo para evoluir; todas as pessoas, sem exceção, possuem essa capacidade.

Acredito que ninguém veio ao mundo para estagnar numa vida de egoísmo, violência, medo, orgulho, inveja ou ganância; nada disso é essencial ao ser humano. É sempre tempo de aperfeiçoar e humanizar as relações.

Parte 4 - Pedagogia da Escuta

Escutar é um dom, uma arte, um exercício difícil, constante e de enorme importância para a saúde emocional e qualidade das relações interpessoais. Normalmente escutamos as pessoas com a resposta pronta, simplesmente no intuito de responder e não compreender o que o outro quer nos dizer. Já dizia o grande escritor e educador Rubem Alves que ficava triste ou angustiado quando se deparava com propagandas de cursos ensinando as pessoas a falar, cursos de oratória. Dizia Rubem que ficaria muito feliz e otimista quando se deparasse com cursos de “escutatória”, pois, só assim teríamos realmente condições de compreender as necessidades alheias e evoluirmos enquanto sociedade.

Escutar não é apenas ficar calado enquanto o outro termina de falar ou ficar pensando mesmo que em silêncio uma resposta, mas sim, processar, sentir e compreender o sentimento alheio. Convenhamos, um exercício complexo, de grandeza, paciência e profunda empatia. Quando as pessoas sabem que estão sendo ouvidas, elas se sentem confiantes para falar e abrir o coração. De acordo com o psicólogo americano Marshall Rosenberg, criador da CNV, a escuta empática caracteriza-se por estar presente e aberto para ouvir e tentar identificar naquela fala as necessidades aí subjacentes. Isso se justifica pelo fato de que o que é dito traz consigo, implicitamente, necessidades.

Enquanto educador, nas minhas várias experiências em salas de aula, com turmas heterogêneas e como mediador de conflitos escolares,

aprendo muito e percebo que existe uma necessidade imensurável das crianças serem escutadas, nas suas experiências cognitivas e emocionais, o que faz realmente muita diferença nas relações, contribuindo para harmonizá-las, pacificá-las e equilibrá-las. A escuta ativa (empática) é um processo que qualifica as relações interpessoais, estabelece vínculos de confiança e reciprocidade entre as partes e nos torna mais humanos a cada dia.

Sem dúvida, uma prática fantástica que, bem estruturada, contribui para tornar o ambiente escolar mais democrático, onde o estudante realmente será e se sentirá protagonista, na construção de responsabilidades e compromissos compartilhados dentro de espaços qualificados de aprendizagem.

Parte 5- Educar para transformar

Esta escrita parabeniza os professores, que terão pela frente mais um ano de enormes desafios emocionais, pedagógicos e tecnológicos. O professor é um orientador, facilitador, um sinalizador de possibilidades, um testemunho vivo de que podemos evoluir sempre, ano após ano, tornando-nos mais humanos, mostrando que vale a pena sonhar.

Segundo o especialista José Manuel Moran, ao educar, tornamos visíveis nossos valores, atitudes, ideias, emoções. O delicado equilíbrio e síntese que fazemos no dia a dia transparecem nas diversas situações pedagógicas em que nos envolvemos. Os alunos e colegas percebem como somos, como reagimos diante das diferenças de opiniões, dos conflitos de valores. O que expressamos em cada momento como pessoas é tão importante quanto o conteúdo das nossas aulas. A postura diante do mundo e dos outros é importante como facilitadora ou complicadora dos relacionamentos que se estabelecem com os que querem aprender conosco. Se gostamos de aprender, facilitamos o desejo de que os outros aprendam. Se mostramos uma visão confiante e equilibrada da vida, facilitamos nos outros a forma de lidar com seus problemas, evidenciamos que é possível avançar no meio das dificuldades.

A cada dia surgem novos pensadores, pressupostos e propostas de mudanças na educação. A busca por melhores condições de ensino-aprendizagem é de extrema importância. O resgate da dignidade social

e moral dos educadores, condições econômicas satisfatórias, autoestima elevada, suporte didático-tecnológico de qualidade, são alguns fatores essenciais para que se desenvolva uma nova prática pedagógica.

A escola tem um papel importante nesse processo, assim como seus professores, diretores, comunidade escolar e o poder público. É interessante e necessário que cada setor saiba distinguir o seu papel, para que o processo educativo seja construído sem atropelos e sobressaltos. É com esse conjunto fortalecido, respeitado e comprometido, que se estabelece a matriz de formação e qualificação das nossas crianças e jovens que irão marcar presença na sociedade, ingressar no mercado de trabalho e contribuir para o desenvolvimento socioeconômico do município, do Estado e do país – com ética, compromisso e responsabilidade crítico-construtiva. Um projeto educacional pedagógico deve ser construído democraticamente. Não é responsabilidade apenas dos professores e da escola. A educação é um processo contínuo e tem que estar assentada sobre pilares fortificados, consistentes e direcionados por princípios que representem os anseios e o desejo coletivo, e não em cima de decisões unilaterais, autoritárias, tecnocráticas ou ideológicas.

Sem educação e participação não formamos cidadãos. Educação para conscientizar, transformar e não para problematizar.

Referências

MORAN, José Manuel. A educação que desejamos. Novos desafios e como chegar lá. 5. ed. São Paulo: Papirus, 2011.

ROSENBERG, Marshall B. Comunicação não violenta. Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. Editora Ágora, 2021.

Texto de Rubens Alves: “A Escutatória” : <http://www.rubemalves.com.br/>

Lei nº 13.663, DE 14 DE MAIO DE 2018

<https://www.pensador.com/frase/MjAxMjg1MA/>

EU SOU PROFESSORA

Andréia de Araújo Brugalli¹

É assim que me reconheço. Desde muito cedo, quando minhas melhores tardes eram aquelas em que acompanhava minha mãe às salas de aula e, mais tarde, já em casa, ficava admirando-a ao realizar as correções das atividades.

Na adolescência, convicta da minha escolha, fiz a prova de admissão para o curso de Magistério, na E.E.E. Paulo da Gama, em Porto Alegre. Passei entre as primeiras e fui aprovada com louvor.

Em seguida, prestei vestibular para o curso de Pedagogia, na Universidade de Caxias. Passei, cursei, amei, fiz descobertas, conexões e recebi a láurea acadêmica pelo desempenho e aprendizagem. Mais tarde vieram as especializações, pós-graduações, formações e tudo o mais que pudesse contribuir para enriquecer meu trabalho.

Durante todo esse tempo de aprendizagens, estive sempre em sala de aula, aprendendo e ensinando na práxis. Hoje ainda trilho meu caminho, sempre em busca de novidades e aprendizagens, e uma sobrevivente da pandemia que sou.

Nesse período de ensino e de aprendizagens, me descobri e me encantei com a educação popular e, desde então, mais de vinte anos se passaram. Meu encantamento só aumenta, minha entrega também.

Como a história da Educação no Brasil, minha história também é cheia de perdas e ganhos, sucessos e fracassos, encantos e desencantos; mas, em nenhum momento, considerei deixar o magistério. Não consigo me enxergar em outro lugar. Não me vejo sem SER professora.

Milhares de vezes, me questioneei sobre ser uma boa professora. Sobre trabalhar com excelência junto aos meus alunos. Será que acertei quando fiz aquela escolha? Dei atenção suficiente ou apropriada aquele

1 Professora da rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Graduada em Pedagogia. Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Especial.

aluno que pedia mais de mim? Tive coragem ou razão ao impor determinada ideia junto ao meu grupo de colegas? Eu faço a diferença? É com essas e muitas mais questões recorrentes em minha mente que procuro, diariamente, fazer o meu melhor, o que está em meu alcance. Sempre respeitando o meu tempo, o meu espaço.

Quando resolvi me dedicar unicamente a escola pública, foi quase um renascimento, me encontrei totalmente, descobri o meu lugar. Me achei. Sou genuinamente encantada e agradecida por ter feito essa escolha. Meus alunos me transformaram, me fizeram melhor, mais atenta, empática e assertiva. Não sabia que com eles aprenderia tanto, pensei que fosse ensiná-los, mais do que aprender, e descobri que trocamos igualmente.

Minhas histórias em sala de aula, principalmente, no início da minha vida profissional, foram de constantes lutas e conflitos profissionais e pessoais, pois os lugares onde escolhi trabalhar eram de extrema vulnerabilidade social. Ou se tinha chinelo ou se tinha caderno. Como fazer? Onde buscar ânimo e forças? Como fazer para essa criança aprender?

Percebi, que sozinha não se faz nada e que com muito esforço e dedicação é possível encontrar pares nessa caminhada. E fiz elos com colegas que me permitem trocas, alento, puxadas de orelha, estudo e muitas ponderações sobre o nosso papel no contexto da educação pública nesse país.

O que me entristeceu, nesse período profissional, é o *pouco caso* que ainda se percebe com relação às políticas públicas adotadas no nosso país. Por vezes, reconheço as mesmas lutas, lutadas e dissecadas, do tempo em que minha mãe era professora ainda em sala de aula. As mesmas queixas, desconsiderações, praticamente o mesmo salário e muita, muita falácia. Não é nenhuma novidade. Precisamos pensar a educação para todos. Já! Ontem!! Não consigo mais aceitar que poucos fazendo a diferença já é um ganho. Claro, não é uma perda! Mas é pouco. Irrisório. Temos excelentes profissionais, muito estudo, mas muita burocracia e políticas equivocadas que nos afastam de um bom caminho.

Ainda tenho alguns anos, antes de alcançar minha aposentadoria e quero muito ter forças para vencer o cansaço e a sobrecarga de trabalho que esse novo normal nos infringiu. Quantas coisas para aprender em tão pouco tempo! Quantos medos, sem ter tempo de senti-los e entendê-los.

Quanta burocracia envolvida em um trabalho tão humano. Vivemos uma década em dois anos. Não há mente, nem corpo que resistam. Todos estão marcados, de uma forma ou de outra.

E as crianças? Tanto para assimilar! No momento mais importante de suas vidas escolares, de aprendizagens, o mundo das letras e dos números. Tudo parou, mudou, se transformou, se conectou. E agora um mundo novo se apresenta, um mundo estranho, de incertezas.

Como eu, professora dos anos iniciais, posso ajudá-los a conhecer e entender esse mundo? Uma resposta me vem a mente. Conhecendo e entendendo junto com meus alunos, registrando as descobertas, criando ou recriando novos caminhos, fazendo dessa situação uma oportunidade de lidar e entender o novo como algo a se conhecer.

Eu sou professora. Tenho orgulho de ser. Quero aqui dividir uma, das tantas histórias, que vivi ao longo de minha vida sendo professora. Sim, pois, além de professora, sou mãe, esposa, filha, dinda... Minha vida são todas essas facetas. Mas aqui quero dividir a de profe:

Logo que iniciei como funcionária pública, como professora dos anos iniciais, assumi uma turma dita como a pior da escola. *Vamos ver se ela é boa e vai aguentar.* - diziam alguns, assim que cheguei à escola. Não é uma história de Cinderela, mas tudo acabou bem. Foram muitas crises sobre a minha prática, cometi inúmeros erros, achando que estava acertando, errei sabendo que estava fazendo errado, pois me senti acuada com a situação, estudei mais, dividi com os colegas meus medos e chegado o final do ano, alfabetizei a maioria da turma. Não todos. E teria muitas teorias e motivos para dizer que não consegui alfabetizar todos. Mas aqui o que cabe é dizer que a minha história é igual a de muitos colegas. Então, porque escolhi essa para compartilhar? Porque foi com essa turma que respondi a mim mesma. Quero ser professora? E minha resposta, desde então, é: SIM, sou professora.

EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO EM DIFERENTES ESPAÇOS...

Eva Márcia Borges Fernandes¹

Eu sou Eva Márcia, nasci em Vacaria e com nove anos de idade minha família veio residir em Caxias do Sul. Meu pai era analfabeto e minha mãe estudou até a terceira série. Em minha primeira infância morávamos na faculdade em Vacaria, meu pai cuidava do prédio, cantina e fazia necrópsia, mesmo sem escolaridade era o responsável pelo laudo. Viver nesse ambiente de estudos permitiu que eu me alfabetizasse ao cinco anos e também propiciou a vivência com o mundo dos livros.

Com nove anos ao chegar em Caxias do Sul, tive muitas dificuldades de adaptação devido à diferença cultural e minha timidez. Mas gradativamente fui superando essas barreiras. Residir na zona norte de Caxias do Sul, foi sempre um grande desafio, pois a rejeição e discriminação com quem aqui residia era muito grande. Nessa região havia um Centro Educativo chamado ACPMEN (Associação Centro de Promoção do Menor) administrado pelas irmãs Murialdinas, frequentei essa entidade durante uns três anos no turno contrário da escola. Participava de grupo de adolescentes, onde analisamos e refletimos propostas para a elaboração do Estatuto da Criança e Adolescente, posteriormente participei de grupo de jovens do meio popular e outros movimentos sociais.

Aos dezoito anos fui convidada para trabalhar nesse centro educativo (ACPMEN), então deixei a rede de hotelaria na qual trabalhava e iniciei minha caminhada na área da educação, me tornei educadora social. Estava, maravilhada com esse trabalho e resolvi fazer magistério de férias na Universidade de Caxias do Sul, passei alguns anos estudando

¹ Professora da Rede Municipal e Estadual de Ensino de Caxias do Sul. Graduada em Pedagogia. Especialista em Educação Especial com formação em Autismo e Direitos Humanos.

durante as férias de verão e de inverno. Não foi fácil, mas posso dizer que se necessário faria novamente, pois foi nesse momento que descobri que realmente queria seguir na área da educação. Paralelo ao magistério, cursava Filosofia e depois mudei para o Curso de Pedagogia.

Durante dez anos trabalhei como educadora social e participei ativamente da Pastoral do Menor, as reflexões, formações, cursos e ações comunitárias, sempre foram voltadas para a inclusão dos menos favorecidos.

No ano de 2001 tive a graça de ser mãe e nesse ano fui nomeada professora da Rede Estadual, passei então a me dedicar a educação formal. O primeiro desafio foi atuar como professora de português para turma de quinto e sexto ano, durante quatro meses. Nessa época encaminhavam o professor para onde havia necessidade e não de acordo com sua área de concurso. Mas no ano seguinte assumi uma turma de anos iniciais, onde então percebi a defasagem entre idade e série. Fiz um projeto e sugeri a direção da escola que organizasse uma turma com os adolescentes que estavam em distorção entre idade e série, a pergunta que escutei foi “Você quer atender os piores numa única turma” , Um tanto resistentes mas aceitaram minha proposta, posso dizer que foi um a linda experiência e o resultado maravilhoso. Sei que isso fez a diferença na vida desses alunos e na minha também.

Devido meu envolvimento com a educação popular, fui convidada a concorrer ao Conselho Tutelar, em outubro de 2004, entrei em licença na Rede Estadual e assumi como conselheira na Zona Norte. O trabalho era voltado especificamente na garantia de direitos da criança e adolescentes. Nesse espaço consegui ter uma visão social muito ampla, desde as questões de abandono intelectual, maus tratos, abusos sexuais, negligências e tantos outros. Mas percebi que a parceria com as escolas é fundamental, pois, nesse espaço onde as crianças e adolescentes passam maior parte de seu dia, é que conseguem manifestar suas dores, angustias e sofrimentos. Porém o receio muitas vezes da equipe escolar em denunciar situações de violência por medo de represálias é bem maior. Para amenizar esse obstáculo, a equipe do Conselho Tutelar, foi se aproximando do ambiente escolar, criando uma rede de atendimento. Nesse período propomos e elaboramos a ficha de Notificação Escolar, para denuncia de situações de maus tratos. Também realizamos mutirões

de atendimentos da FICAI, onde fora do horário de expediente várias famílias eram notificadas, realizávamos palestras sobre a importância da educação e frequência escolar e depois atendíamos cada família dentro de suas particularidades. Algumas situações também fizemos o atendimento nos finais de semana na própria escola, com parceria das equipes diretivas. Foram tentativas e alternativas pertinentes naquele momento. Sempre na busca de incluir e resgatar a importância do espaço escolar. O trabalho no Conselho Tutelar me permitiu ver vários aspectos que influenciam diretamente na permanência ou abandono escolar e também a dificuldade do Poder Público em priorizar políticas públicas que contemplem de fato os menos favorecidos.

Após o término da gestão no Conselho Tutelar em 2007, retornei a rede estadual, fui para uma escola com Ensino Médio, onde atuei como orientadora educacional, coordenadora pedagógica e vice diretora. Nesse espaço pude interagir com jovens e profissionais muito competentes e envolvidos de fato com a educação. Foi maravilhoso ver a alegria e vontade de estar no espaço escolar, sentiam-se tão acolhidos que mesmo nas férias apareciam para ajudar na manutenção da escola. Iniciar projetos de Mostra e Raly científico, gincanas, ações sociais e tantas outras atividades que despertaram um senso de pertença da escola. Hoje ver esses jovens no mercado de trabalho como grandes profissionais nas mais diversas áreas traz a certeza que quando acontece a escuta, acolhida, conscientização e amor o aprender acontece de forma leve e construtiva.

O momento mais desafiador de minha vida foi em 2011 quando fui convidada a ser Coordenadora da Educação na Rede Estadual, função essa que jamais pensei exercer, pois, gosto mesmo da prática escolar. Mas achei que essa experiência na educação popular poderia ser importante para o avanço da educação. Foi muito difícil conhecer todo funcionamento administrativo de uma rede com 14 municípios e mais de cem escolas. Em muito pouco tempo precisei aprender com RH, falta de professores, contratos, angústia de iniciar o ano letivo e não ter profissionais suficientes para suprir a demanda, conhecer cada município ligado a quarta coordenadoria e planejar início de ano letivo, formações, cedência de professores, transporte público e uma variedade de demandas. Paralelo a tudo isso montar uma equipe de trabalho e iniciar uma gestão em meio de um desgaste da Rede Estadual, escolas sucateadas,

profissionais desvalorizados. Nos dois anos e meio que estive na frente desse trabalho muito aprendi, mas tive muitas angústias, pois nem sempre o desejo do que gostaria de realizar era possível devido a questões burocráticas e de legalidade, fatores esses que retardam diversas ações. Mas tenho certeza que muito contribuimos na construção da Rede Estadual, foram incansáveis formações, seminários, debates, oficinas ministradas por diferentes segmentos da sociedade e levada a todas regiões de abrangência da CRE, envolvendo toda comunidade educativa desde funcionários, alunos, pais e professores. Mesmo com muitos avanços foi um período muito desgastante e quando fui nomeada na Rede Municipal decidi assumir de imediato e me exonerar da função de coordenadora, entendi ter dado minha contribuição.

Minha história na Rede Municipal iniciou em maio de 2013, voltar a sala de aula foi maravilhoso, algo que sempre gostei. E para minha surpresa na turma que assumi tinha um estudante com paralisia cerebral, inicialmente surgiu o medo, receio, como agir e de que forma vou poder ensinar... muitos questionamentos. Fui me aproximando e conhecendo a história desse adolescente, ele estava no quinto ano e em processo de alfabetização, devido as dificuldades motoras algumas vezes usava o computador, mas as atividades eram direcionadas para jogos. Ele começou dormir durante a aula, questionei a monitoria que informou que era habitual ele dormir. Não compreendi como algo normal, mas como um alerta que estava monótono e cansativo para ele estar naquele espaço escolar. Comecei então pesquisar adaptações, atividades diferenciadas das quais ele sentia vontade de participar e sentia-se integrado a turma. Ter a oportunidade de trabalhar com esse aluno tão especial despertou o desejo de buscar uma especialização nessa área.

Paralelo ao trabalho em sala de aula também assumi a função de vice-diretora em uma escola estadual situada dentro do CASE (Centro de Atendimento Sócio Educativo), experiência única e numa realidade muito triste junto a menores infratores. Após a saída dessa escola, assumi a coordenação pedagógica em uma escola de ensino médio, onde a proposta foi criar e estruturar a Educação de Jovens e Adultos na zona norte. Propiciar a continuidade dos estudos a muitos jovens e adultos, nesse espaço acolhemos vários estudantes especiais que sonhavam com a conclusão do ensino básico.

Familiarizada com a Rede Municipal, mudei de escola em 2015, ano um tanto conturbado na vida pessoal, mas abençoado por ter uma turma de primeiro ano de tempo integral e com uma aluna com síndrome de Down. Nessa escola aprendi muito com minha colega que atendia a sala de recursos, sempre inovando, adaptando diferentes materiais e sugerindo diferentes trabalhos e ações na sala de aula. Não tive dúvidas e iniciei a especialização em Educação Especial. Nessa caminhada toda tive a felicidade de trabalhar com excelentes profissionais e de cada um aprendi um pouquinho, que, com certeza, faz a diferença na minha atuação.

Concluída a especialização chegou a hora de colocar em prática e então iniciei o trabalho nas salas de recursos da Rede Estadual. Percebi então que os alunos especiais estavam chegando ao Ensino Médio, pois com a mudança na legislação eles passaram a ter espaço dentro das escolas. A complexidade em trabalhar com diferentes patologias não se equipara com a resistência de alguns profissionais em trabalhar com o diferente, creio que isso acontece não por insensibilidade, mas por receio de romper com o tradicional e reinventar-se. Mas com tantas formações, conscientização, debates e a prática na sala de aula, percebo que essa realidade hoje está mais amena. Mas continuamos na luta para incluir em diferentes espaços, seja na educação infantil, ensino fundamental e médio, educação de jovens e adultos, ensino superior, cursos técnicos e outros.

Na rede municipal minha experiência na educação especial é bem inicial mas com muito significado. Atuei um ano como professora da sala de recursos e durante a pandemia, onde todos ficamos desorientados e sem saber o que aconteceria com a humanidade, estava na assessoria da educação especial da secretaria da educação de Caxias do Sul. Rapidamente foi necessário nos reinventar e buscar alternativas para a educação. Quando você está em uma equipe que não mede esforços e tem clareza de seu papel na educação, o trabalho é gratificante, mesmo diante do cenário de uma pandemia mundial. Estudar, ler, criar, conhecer novas ferramentas, escutar e acolher as famílias mesmo que de forma virtual fez parte de nosso cotidiano. Entendi então que temos uma missão no mundo e independente do espaço onde você esteja, da função que exerça, sempre temos muito a aprender e toda caminhada realizada no

decorrer de nossa vida contribuirá na construção do conhecimento.

Tive também a oportunidade de atuar durante três anos em uma escola da Rede Privada, organizei e implantei a sala de recursos de acordo com a legislação. Também realizamos um lindo trabalho de reflexão e inclusão junto aos professores, pais e comunidade. Aliado a filosofia da escola a educação do coração fomos construindo esse olhar acolhedor e responsável com nossos especiais.

Atualmente, na rede municipal faço parte de uma equipe, como vice diretora, sou também professora da Educação Especial e na rede estadual, professora de Filosofia, sociologia e ensino religioso no ensino médio. Trabalhar sessenta horas não é fácil, mas quando fazemos nosso trabalho com amor, ele se torna algo prazeroso.

Para os próximos anos pretendo dedicar minha vida profissional a educação especial, área na qual busco sempre me especializar, acredito que nas demais áreas já deixei minha contribuição e minha dedicação.

Para finalizar quero dizer que ter a oportunidade de ver a educação em diferentes espaços e funções me fez crescer profissionalmente, sobretudo me ensinou que a teoria e a prática precisam andar juntas. Infelizmente nem tudo que acreditamos e entendemos ser necessário para uma educação de qualidade está a nosso alcance. A busca de um mundo melhor é o que me mantém atuante e defensora dos menos favorecidos, acredito na igualdade de direitos e numa escola viva, onde o ser humano vem em primeiro lugar, pois dessa forma a aprendizagem será consequência.

Se tivesse que escolher novamente minha profissão, não tenho dúvida seria professora.

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Paulo Freire

A DOCÊNCIA E MEUS APRENDIZADOS

Diego Busin¹

Em 2010, pouco antes de concluir o curso de Licenciatura em Educação Física, realizei um estágio como bolsista, no turno integral da recreação do colégio São José, no município de Caxias do Sul. Foi a minha primeira experiência na área da educação, um período muito especial, seis meses que contribuíram para que eu percebesse e iniciasse a minha vivência no espaço escolar, não apenas do ponto de vista de quem, até então a frequentava como aluno, mas, também a partir do ponto de vista de quem, em razão das circunstâncias daquela época, nele passara a trabalhar. Um momento que me permitiu o olhar direcionado amplamente aos aspectos relacionados às dinâmicas e às complexidades daquele universo.

Ao finalizar esta experiência, e concluir o curso de Licenciatura em Educação Física, no ano de 2010, tinha a certeza de que seria este o meu caminho a ser trilhado, a partir da possibilidade de atuação como docente da escola. No entanto, outras portas se abriram no ano seguinte, fazendo com que eu não pudesse mais me dedicar exclusivamente a profissão de professor. Foi então, que iniciei a minha trajetória como funcionário da Universidade de Caxias do Sul, no ano de 2012, ano em que finalizei o curso de bacharelado em Educação Física.

A partir do ano de 2012, enquanto trabalhava no Instituto de Medicina do Esporte, da Universidade de Caxias do Sul, novas possibilidades profissionais, pessoais e acadêmicas surgiram, com o início da

¹ Professor da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Graduado em Educação Física. Mestrado na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Doutorando em Ciências da Reabilitação na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Vice-diretor da E.M.E.F. Villa Lobos.

minha Especialização em Reabilitação Cardiovascular e da atuação em academias de ginástica. Isso me afastou um pouco da rotina escolar, a qual sempre tive a intenção de dar continuidade. Esta possibilidade aumentou quando, no ano de 2013, tive a oportunidade de realizar a minha inscrição no concurso público, para a vaga de professor de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul.

Ao receber a notícia de que havia sido aprovado no concurso público, meu coração se encheu de esperança, já que poderia dar continuidade nos meus projetos de atuação docente, e ainda, seguir atuando como responsável técnico dos Programa de Reabilitação Cardíaca e Pulmonar, no Instituto de Medicina do Esporte. Mas, como nem tudo na vida ocorre como imaginamos, a minha classificação no referido concurso, me deixou na fila de espera até o ano de 2017, para ingressar na Rede Municipal de Ensino. Foi então que, no ano de 2016, ingressei no processo seletivo do curso de Mestrado em Ciências da Reabilitação, da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, curso este, que era bastante concorrido, e exigiu muita dedicação e empenho de minha parte para conseguir ingressar no programa entre os 5 primeiros concorrentes. Esta sim, poderia ser, no meu pensamento, a grande oportunidade que faria com que eu pudesse realizar o meu sonho de ser docente na Educação Básica e no Ensino Superior.

Foi então, no ano de 2017, enquanto realizava o curso de Mestrado, trabalhava no Instituto de Medicina do Esporte e também em uma academia de ginástica, que fui contemplado a ser nomeado como professor da Rede Municipal de Ensino do Município de Caxias do Sul. E é sobre esta experiência que terei o prazer de discorrer, a partir do próximo tópico.

Ao ingressar na Rede Municipal, no ano de 2017, dividia meu tempo entre a finalização do curso de mestrado e outras importantes demandas profissionais que me competiam naquele momento. Isso me dava a certeza de que estava me tornando uma pessoa experiente, e que conseguiria lidar com os obstáculos da vida com bastante segurança e confiança. Mas, foi quando assumi as turmas da escola Rosário de São Francisco, no dia 16 de julho de 2017, como professor de Educação Física, que comecei a perceber a riqueza que estava prestes a me deparar, dali em diante.

Passadas as primeiras horas, cheio de confiança e determinação,

pelo meu histórico escolar, finalmente chegou a hora de me apresentar a direção da escola para conhecer as pessoas responsáveis e receber as orientações gerais. Agora, como professor, profissão que sempre me encheu de esperança e realizações, era só entrar na sala de aula, e na quadra da escola, e disseminar o meu conhecimento. Mas, logo no primeiro dia, passei por um momento que me deixou um pouco confuso, com a turma do sétimo ano. Alguns alunos, ao perceberem que eu era o novo professor da escola, tentaram tornar as coisas mais difíceis para mim, por meio de atitudes que poderiam ter me desestabilizado, já que, agora eu teria que resolvê-las. Foi aí que percebi, entre outras coisas, que o barulho que antes não me incomodava, as malandragens e as transgressões, que eu conhecia, mas não costumava fazer uso, agora passara a ser alguns dos problemas que deveria mediar ou resolver para o bom desenvolvimento do meu trabalho. A minha responsabilidade de manter a ordem e realizar o melhor trabalho possível aumentava substancialmente.

Confesso que fiquei um pouco perdido, mas tinha a certeza de que seriam experiências muito enriquecedoras para a minha vida pessoal e profissional. Tinha a confiança de que deveria seguir em frente e aprender, ensinando e buscando as melhores ideias e vivências daqueles que me rodeavam nos espaços da escola. Pessoas como a diretora da escola, professora Tânia Spiandorelo, foram determinantes na fase inicial, pois sempre me passava segurança e me cobria de elogios e incentivos, para que eu continuasse realizando o meu trabalho, que começou a ser valorizado, a partir de então. Acredito que essa valorização foi o que me motivou a não desistir, seguir em frente e ter certeza de que eu tinha feito a escolha certa, a de ser professor. Bock (1999, p. 38), descreve em seu livro que, “a motivação humana está ligada ao início do comportamento e da sua persistência, repercutindo nas escolhas que são feitas”.

No ano seguinte, fui designado a atuar na Escola Villa Lobos, onde fui recebido de braços abertos por toda a equipe diretiva, corpo docente, alunos e comunidade. Neste ano concluí o mestrado, o que me tornou um profissional ainda mais destacado e valorizado, graças às excelentes relações que fui construindo no decorrer do período. Cada vez mais me sentia um professor, que aprendia e ensinava, as diversas facetas que envolvem essa linda profissão. As amizades e as experiências que foram sendo construídas cada vez mais me deixavam tranquilo para lidar com

os elementos que só podem ser encontrados e compreendidos dentro da escola. Estes elementos me surpreenderam e marcaram o início da minha trajetória na escola, que dura até hoje, e me motivaram ainda mais a me desafiar e continuar, buscando aprender cada vez mais, a partir das sólidas relações humanas existentes. Esta aprendizagem é referida por Vygotsky (1991, p.18), onde cita que “a aprendizagem sempre inclui a relação entre as pessoas, onde não se pode aprender e/ou aprender o mundo se não tivermos o outro”.

O ano de 2020 foi de medo e ousadia, pois iniciamos o enfrentamento a Pandemia de Covid-19, o que me deixou bastante inseguro inicialmente, devido à falta de perspectivas, quanto ao período que teríamos de interrupção das atividades. Quanto mais os dias passavam, maiores eram as incertezas, de quais seriam as estratégias para recuperação do tempo que estávamos “perdendo”. Os diálogos permeavam, na sua maioria, os efeitos negativos da pandemia nos diferentes âmbitos da sociedade. Este fato, nos deixava cada vez mais preocupados com o futuro. Mais uma vez, o trabalho realizado em equipe, durante este período, possibilitou o surgimento de ideias, e os diálogos com os demais colegas começaram a tomar rumos diferentes, com relação às perspectivas que tínhamos para superar o momento de tensão e angústia. As reuniões coletivas, por plataforma virtual, e a exposição das estratégias que poderíamos ter para atendimento das necessidades dos alunos foi me deixando tranquilo com relação ao atendimento das expectativas de todos. Este período foi de importante entendimento de que o tempo de distanciamento seria bem maior do que esperávamos. Este fato me fez assimilar com maior responsabilidade as dificuldades que deveriam ser enfrentadas e quais deveriam ser os caminhos para superá-las, diante das demandas que surgirão daqui para diante na profissão.

O ano de 2021 foi um período de transição, entre o que vivenciei e o que possivelmente enfrentarei daqui para frente, já que, assumi a minha candidatura a vice direção da Escola Villa Lobos. Sempre fui muito organizado nas minhas atribuições, o que, no meu ponto de vista, dará um importante suporte para o natural andamento das atividades escolares e extraescolares de toda comunidade escolar. Todas as minhas expectativas serão voltadas para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem, adaptadas para um retorno das atividades presenciais.

Vale ressaltar a importância dos bons relacionamentos que criei até hoje, com relação a todos os envolvidos no cotidiano escolar. Sinto cada vez mais que, os aspectos emocionais deverão ser muito bem administrados, a partir das preocupações e dos anseios por dias melhores, no que tange às rotinas escolares (colegas, professores, conversas, brincadeiras, jogos, etc.). Este fato me proporcionará um crescimento pessoal e profissional ainda maior, já que o discernimento e a valorização da presença de todos no ambiente escolar será fundamental para que tudo corra da maneira mais natural e leve possível.

Pude, por meio da breve narração das histórias marcantes da minha carreira docente vivenciada até momento, ter a oportunidade de repensar a minha atuação, diante das expectativas atendidas dessa linda profissão. Tais expectativas, fazem referência aos objetivos que busco alcançar e às que quero que os alunos alcancem. Naturalmente, que o número de situações que ocorreram nesse período se deram em quantidade muito maior que as narradas aqui. As escolhas desses momentos se deram por eu entender que representam bem as situações mais importantes que aconteceram nos ambientes escolares pelos quais passei e que, de certa forma, têm relação com as minhas referências e escolhas ao longo do período. Espero ter clareza cada vez maior, dos elementos que constituem o cenário escolar, entendendo que, por onde eu passar, serei apenas uma parte de uma estrutura que é muito maior, mas tendo a confiança e a esperança de que poderei fazer a diferença.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B. (org). *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

VIDA QUE CORRE O RUMO DE SER PROFESSORA

Marijara Gobbi¹

Escolho iniciar este relato contando um pouco da minha trajetória pessoal e de como me tornei professora, pois acredito que as experiências vividas ao longo da vida nos fazem ser quem somos. Me chamo Marijara, mas gosto de ser chamada de *Profe Mari*. Atuo com estudantes em fase de alfabetização e com educação especial, acompanhando o processo de escolarização e inclusão de alunos com deficiência, autismo e altas habilidades matriculados nas escolas regulares da Rede Municipal de Caxias do Sul (RME).

Sou natural de São Marcos (cidadezinha com cerca de 21 mil habitantes, próxima à Caxias do Sul). Foi lá que nasci, cresci e aprendi os valores básicos que me constituíram como pessoa (honestidade, respeito, humildade, responsabilidade, cidadania, espiritualidade, solidariedade) junto de meus pais e irmã. Sempre estudei em escola pública e cursei o Magistério. E foi no período da adolescência que me interessei e comecei a praticar dança contemporânea (você deve estar pensando: O que isso tem a ver com minha profissão ou com a educação especial?). O que posso dizer é que, os 10 anos em que estive intimamente ligada à dança, foram de extrema importância para minha formação pessoal. Convivi com um grupo de bailarinos diverso e conheci as mais variadas manifestações artísticas. Sinto imensa saudade daquela época.

Quando chegou o momento de prestar vestibular, a Universidade de Caxias do Sul era a única opção de curso superior para quem precisava trabalhar para subsidiar os estudos. E este era meu caso. Ainda influenciada pelo universo da dança, decidi pela Licenciatura em

1 Professora da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul. Especialista em Educação Especial.

Educação Física por acreditar que seria o curso que mais se aproximava do que eu gostava de fazer, pois não havia graduação em dança na época. Entretanto, a dança da forma como eu acreditava não foi abordada no curso (ela quase não apareceu na verdade). O que encontrei foi a exigência de performance, rendimento e resultado, com muito pouco respeito às limitações de cada aluno. Eu fui passando pelas disciplinas e procurando me aproximar de professores que não seguiam essa linha tecnicista. Com eles, aprendi muito sobre Educação Física Escolar, sobre respeitar o tempo de cada criança, sobre oportunizar momentos que pudessem auxiliá-los a se desenvolver. E foi a partir deles, que comecei a vislumbrar um caminho diferente da dança: a docência. Prestei concurso público para professor de educação física em diferentes esferas e localidades até me fixar na Rede Municipal de Caxias do Sul, onde estou há 20 anos. Iniciei como professora de Educação Física e, posteriormente, prestei outro concurso público para professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Além disso, já tive a oportunidade de exercer diferentes funções dentro e fora da escola, como de coordenadora pedagógica, professora de apoio pedagógico e substituta, professora de educação infantil da Escola Especial Dr. Henrique Ordovás Filho, assessora pedagógica e gerente da Educação Especial na Secretaria Municipal da Educação (SMED). Atualmente, sou professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Todas elas contribuíram para meu crescimento e amadurecimento profissional, mas posso garantir que, ser professora alfabetizadora e de educação especial são as que me dão maior prazer. Estar atuando próxima às crianças me renova e enche meu coração de esperança no futuro. Para um professor, a esperança é essencial. Sem ela, como seguir em frente diante de uma realidade tão difícil que é a educação brasileira?

A educação especial entrou em minha vida profissional aos poucos. Desde a época da faculdade me interessava pelo assunto. Primeiramente, pela educação física adaptada, depois, já na escola regular, pelas práticas inclusivas nas minhas aulas. Isso porque eu percebia o quão diversas eram os alunos. Cada um com suas características, potencialidades e dificuldades. E como fazer para que minhas aulas não ficassem tão generalistas? Como privilegiar o potencial de cada um? Como chamar cada aluno e cada aluna pelo nome (sendo que eu tinha cerca de 300 alunos)? Fui buscando estratégias para resolver esses impasses: fotografava cada

rostinho e montava pastas da turma com minhas observações, filmava eles realizando as atividades, entre outras.

O primeiro aluno com deficiência que tive foi um menino com deficiência física (oriunda de mielomeningocele). Fui sua professora de educação física nas séries iniciais. A inclusão nem tinha chego para as discussões escolares e ele já estava lá. Foi muito bem acolhido pela escola e eu me esforçava para que participasse de todas as aulas, junto de seus colegas. Mesmo com a escola não possuindo uma estrutura física acessível para um cadeirante, subíamos e descíamos escadas (eu o levava no colo ou ele descia sentado, apoiando-se com os membros superiores), íamos para a rua, dançávamos, jogávamos bola. Tudo!

Depois dele outros vieram e também a necessidade de conhecer mais sobre esse universo. Engaçado, escrevendo esse texto e relembRANDO minha trajetória, me dei conta de que em nenhum momento vi a deficiência como uma barreira, com aversão, piedade ou com impossibilidade de trabalho. É como se eu fosse uma espécie de *mulher do médico*, do livro Ensaio sobre a Cegueira (Saramago, 1995). Aquela que vê o que muitos não veem. Ver possibilidades na impossibilidade e tentar fazer com que os demais professores enxerguem isso é uma tarefa árdua. O privilégio de ver tem seu preço... e, em muitas situações, tenho desejado ser cega também... Mas não consigo. E por não querer ficar cega, fui em busca de conhecimento. Fiz meu primeiro curso relacionado à Educação Especial em 2004. Depois desse, outros tantos vieram e sei que muitos estão por vir, pois o professor precisa estar em constante aprendizado.

Quero destacar minha experiência como professora na escola especial concomitante à escola regular, onde permaneci por dois anos. Foi nesse contexto de dualidade que alguns questionamentos começaram a crescer dentro de mim: *Por que estudar separado? Por que tanta infraestrutura para poucos? Será que é saudável conviver somente com pessoas com deficiência? Por que essa redoma de proteção para as pessoas com deficiência? Por que a escola regular tem matriculadas alunos com comprometimentos muito mais sérios dos que os que estudam na escola especial?* Devido às estes questionamentos extrapolarem o campo do pensamento e invadirem minhas relações de trabalho, decidi retornar para escola regular em tempo integral e contribuir com o processo de inclusão dos alunos público da educação especial nela matriculados. E é isso que procuro fazer até hoje.

E foi com base nesse engajamento pela inclusão que fui convidada para trabalhar como gestora da educação especial da RME de Caxias do Sul, junto à SMED. Estive nessa função em dois momentos distintos: o 1º, como assessora pedagógica no período de implantação da Política Nacional de Educação Especial na perspectiva inclusiva nas redes municipais de ensino de todo o país; o 2º, dez anos depois, como gerente da educação especial, no ano em que fomos surpreendidos pela pandemia da Covid-19. Estar à frente de toda uma rede de ensino, composta por professores, funcionários, estudantes e suas famílias é de uma responsabilidade tamanha. Foram anos de muito trabalho e aprendizado. Tenho ciência de que consegui, em parceria com as pessoas que estavam ao meu lado, contribuir para que a educação especial pudesse ser vista com respeito pela comunidade escolar.

Entre essas idas e vindas, a professora de educação física foi se transformando em professora de educação especial e de alfabetização. Gosto de estar nestes dois contextos para melhor entender o desenvolvimento humano em sua diversidade. Além do que, alfabetizar é minha nova paixão! É mágico fazer parte desse processo de descoberta da leitura e da escrita! Sendo assim, vou criando um equilíbrio entre minhas expectativas e frustrações com relação ao meu planejamento pedagógico X resultado esperado; pois, para trabalhar com educação especial, é necessário estar tolerante e paciente ao tempo que cada criança aprende, e isso reflete em minha práxis como alfabetizadora.

Ao reler estes escritos, que misturam sonhos e realidade, pude perceber o quanto eu também fui me transformando ao longo desses mais de 20 anos de profissão. A docência não foi uma escolha consciente, mas ela entrou na minha vida para ficar e contribuir para ser quem sou. A educação me escolheu para tentar fazer a diferença na vida de cada menino e menina que passar por mim. Tecendo as palavras deste texto, ora com linhas claras, ora com linhas escuras, um belo tapete foi sendo construído, ficando a certeza de que ainda tenho muita linha para tecer.

Acordava ainda no escuro, como se ouvisse o sol chegando atrás das beiradas da noite. E logo sentava-se ao tear. Linha clara, para começar o dia. Delicado traço cor da luz, que ela ia passando entre os fios estendidos, enquanto lá fora a claridade da manhã desenhava o horizonte. Depois lãs mais vivas, quentes lãs iam tecendo hora a hora, em longo tapete que nunca acabava.

Assim, jogando a lançadeira de um lado para outro e batendo os grandes pentes do tear para frente e para trás, a moça passava os seus dias.

Tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer.

A moça tecelã – Marina Colassanti

EM BUSCA DO VERDADEIRO SENTIDO DA EDUCAÇÃO: OS ALUNOS

Carla Roberta Sasset Zanette¹

E mais uma vez a educação foi surpreendida e desafiada. Após a vivência de situações singulares e inesperadas no cenário educacional já é possível fazer um balanço das experiências e interpretações percebidas no cotidiano escolar relativas aos anos 2020, 2021 e 2022, marcados e demarcados pela pandemia COVID - 19, que ocasionou provocações, superações e “inéditos viáveis”, como diz Paulo Freire.

Após meses de distanciamento social, com período de suspensão das aulas, com oferta de estudos remotos, o retorno presencial foi marcado por ansiedade, medo e transformações.

Muito já foi comentado sobre as “reinvenções” que professores, alunos e famílias passaram nesses dois anos. Descobertas e ousadias fortaleceram o medo e as dificuldades, seja pelas perdas de pessoas em virtude da Covid, seja pela falta de recursos tecnológicos, os quais foram nitidamente marcados na educação no momento da pandemia.

No entanto, a voz fortalecida neste texto considera as percepções e experiências mais encantadoras e contagiantes: o retorno presencial dos alunos à escola.

Todos os dias alunos chegavam em movimentos individuais, passos lentos, silenciosos, tímidos, receosos, em um processo de desconhecimento. Seus olhares buscavam reconhecer os espaços escolares, professores, colegas. Tudo parecia ser diferente...

Nos primeiros dias, e até meses, poucos retornaram. As salas eram silenciosas; alunos quase não falavam, não sorriam. Mas o movimento tinha apenas iniciado. Aos poucos outros se somavam. Muitas ligações,

¹ Pós-doutoranda em Educação pela USP. Doutora em Educação e Professora da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul.

chamados foram feitos aos alunos e familiares, convidando os alunos a voltarem, mesmo sem a obrigatoriedade. Muitas idas às casas para ver como estavam e se poderiam retornar à escola. Tudo isso para que não perdessem o vínculo com a escola, para que voltassem ao seu lugar que lhes é de direito.

O fato era evidente: mais um ano distante da escola seria crucial para o abandono e para a perda do gosto pela escola. Portanto, em um processo incansável, que não se finalizou ainda, ocorreu a busca ativa e constante dos estudantes. Considero que os professores foram agentes mobilizadores de uma busca humana.

Situações de alunos que vinham um dia, faltavam outros quatro foram vivenciadas durante meses na instituição onde atuo. Ligações, conversas individuais, incentivos e encorajamentos foram fundamentais para a busca dos alunos. Esperança e persistência: duas palavras que nortearam os dias na escola. Enquanto um estiver fora dos espaços escolares, estaremos desassossegados. Mas um desassossego que foi compensado pelos olhares, pelos sorrisos que começaram a desapontar timidamente. As salas de aula voltaram a ter cor, vozes, passos mais agitados. Crianças e adolescentes estavam retornando. Os espaços escolares agora tinham brilho, professores começaram a sorrir, a conversar sobre a vida, sobre as dificuldades e aprendizagens percebidas. Pais retornaram à escola para saber como seus filhos estão, para dialogar, para falar sobre o quanto foi difícil estudar em casa e tantas outras situações. O encorajamento e a segurança quanto aos protocolos de saúde foram fundamentais para a decisão dos pais em apoiar o retorno dos seus filhos.

Disso tudo quero ressaltar a importância da escola no processo de busca dos alunos para o retorno, mesmo diante de uma legalidade obrigatória. O contato, o dizer “a professora está com você. Volte, que eu te ajudo”, foram decisivos no desejo dos alunos para o retorno. Não é uma questão só de obrigatoriedade, é questão de mobilização, de reencontros, de interação, de aprendizagens.

Novas formas de pensar o currículo, a avaliação emergiram no contexto de pandemia e de retorno presencial. Olhares, escuta e sensibilidade que se mesclaram aos conteúdos escolares.

Enfim, a escola já respira ares de aprendizagem e, aos poucos, retoma o seu lugar, a sua função social, com a busca e a presença do que

mais tem sentido na educação: os alunos.

O silêncio rompeu-se, as sinetas voltaram a tocar, os cuidados e as medidas de prevenção ainda são mantidos, mas agora o coração pulsa mais forte. Talvez, nesse balanço de educação, de vida e de mundo, após tudo o que vivenciamos, que possamos ser melhores seres humanos e mais felizes.

Vozes que se multiplicam, andares que se movimentam, olhares que se cruzam, sorrisos que reluzem a vivacidade de um retorno que sempre existiu.

Ousar, evoluir e inovar, mas sem esquecer do motivo principal que move a educação: os alunos. Ter consciência do que queremos e do que acreditamos na educação. Esses são os princípios nos quais acredito para a orientação das práticas pedagógicas e das relações humanas. Uma educação que busca a humanização.

Após abrir o coração para o registro de um relato de experiências vivenciadas no cotidiano escolar acerca do processo de busca dos alunos, desejo abordar, ainda nas próximas linhas, embora muito resumidamente, questões relacionadas ao planejamento e à avaliação escolar em contexto de pandemia.

PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO: SENTIDOS ATRIBUÍDOS NO CENÁRIO DE PANDEMIA E RETORNO PRESENCIAL NOS ESPAÇOS ESCOLARES

A pandemia causada pela COVID-19 transformou a realidade do sistema educacional, levando as escolas a se adaptarem ao ensino não presencial. Nesse período de distanciamento social, a flexibilidade foi orientadora das escolhas e medidas educativas. Diante disso, surgiu a oportunidade de repensar antigas práticas e descobrir outras possibilidades de avaliação da aprendizagem. Foi necessário rever critérios e instrumentos habituais utilizados nas aulas presenciais para atender às demandas atuais e respeitar as condições específicas de cada estudante.

O momento de retorno presencial não foi igual ao da volta às aulas após um período de férias. Foi um retorno diferente, de um momento inédito para todos, o qual modificou as rotinas escolares de diferentes maneiras.

O cenário pandêmico e de retorno presencial foi marcado por

dúvidas, mudanças, construção e novas perspectivas em educação.

Vivemos um momento em que questionamos as práticas instituídas e normalizadas dentro do ambiente escolar. Nesse sentido, trata-se da relevância de que o professor, consciente de sua profissão e de seu papel, reflita sobre sua ação pedagógica e sobre os processos imbricados, (re) significando continuamente seu trabalho.

Uma dessas questões se refere à avaliação, que construída social e culturalmente, a princípio, com o objetivo de selecionar e classificar, no âmbito da quebra de paradigmas referentes à educação escolarizada, vem perdendo o seu sentido.

Tal situação demandou dos profissionais da educação reflexão e tomada de decisões sobre como proceder junto às crianças e estudantes. Que aulas planejar? Como avaliar de modo justo ou menos injusto no contexto de aulas não presenciais, sabendo, muitas vezes, que poucos tiveram acesso às tecnologias?

Redefinir conceitos, ampliar olhares, abrir-se para o outro e para as inovações foram cruciais no cotidiano escolar para reconhecer a avaliação como um processo contínuo e formativo.

Nessa perspectiva, entendemos a avaliação como um componente que pode favorecer os processos de ensino e aprendizagem e valorizar as especificidades de cada contexto e sujeito, com o intuito de enriquecer as aprendizagens construídas.

Assim, o processo avaliativo constitui-se fundamental para promover a reflexão e a (re)formulação de práticas pautadas em objetivos coerentes com essa concepção.

Estabelecer uma trama entre planejamento e avaliação favorece a busca de uma educação contínua, tendo a perspectiva de que a aprendizagem é um processo, cujos atores são sujeitos históricos e sociais, com singularidades e coletividades que norteiam as ações educativas.

Na perspectiva de suscitar reflexões acerca do planejamento e da avaliação, de ensino e aprendizagem, emergiu pensar estratégias para atender, primordialmente, aos estudantes que, por falta de condições de acesso ou por inúmeros motivos, tiveram reduzidas suas oportunidades, ampliando, assim, as desigualdades sociais, econômicas e educacionais.

Para tanto, tornou-se indispensável o trabalho coletivo dos envolvidos no processo educativo para dar conta das mudanças e readequações

necessárias. A colaboração de outros setores como saúde, assistência social, psicossocial, entre outros, tornou-se imprescindível para que as decisões fossem tomadas em sua integralidade.

Além disso, foi necessário pensar ações educativas voltadas, primeiramente, ao acolhimento afetivo, com foco no desenvolvimento das habilidades socioemocionais (presentes na BNCC).

Desse modo, o planejamento pedagógico precisou ser reestruturado e readequado para atender à complexidade e à heterogeneidade que se fizeram presentes no cenário de retorno, considerando os resultados da avaliação diagnóstica, realizada pelos professores. Ações de recuperação das aprendizagens foram e estão sendo planejadas e ofertadas, visando buscar alternativas para sanar, minimamente, as lacunas percebidas.

Muitas foram as discussões em diversos países acerca de medidas excepcionais que envolveram a suspensão da reprovação de estudantes para evitar a desigualdade educacional e a evasão escolar. Nesse sentido, reflexões sobre a finalidade da avaliação no processo educativo instigaram debates e provocaram tomada de decisões diferentes e necessárias em anos letivos atípicos, na intenção de não deixar nenhum aluno para trás.

Considerando essa premissa, entendeu-se a necessidade de priorizar indicadores que preconizassem uma avaliação contínua, diagnóstica, formativa, que permitisse compreender e monitorar os processos, identificando avanços, dificuldades, necessidades de aprendizagem, com o objetivo de intervir e (re)planejar as ações subseqüentes, sem a intenção de classificar em aprovação ou reprovação.

Por certo, conforme Hoffmann (2002, p. 24), uma avaliação que prioriza a aprendizagem do aluno e sua formação para a cidadania considera a mobilização, a inquietação e o sentido para a ação pedagógica, buscando acompanhamento contínuo de mediação e intervenção pedagógica para a melhoria da aprendizagem.

Segundo Luckesi (1995, p.81), para ser diagnóstica, “a avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem”. Diante disso, a avaliação diagnóstica não tem o objetivo de classificar ou selecionar, mas contribuir com o desenvolvimento de

competências e habilidades. Ancora-se nos processos de aprendizagem, em seus aspectos cognitivos, afetivos e relacionais.

Sendo assim, os processos avaliativos são importantes para auxiliar tanto o professor quanto o aluno a prosseguir nos caminhos das aprendizagens. A ação avaliativa precisa estar a favor da qualificação docente e do aprendizado do educando, interligando os processos de ensino e de aprendizagem para que se atinjam as metas e os objetivos. Consoante Hoffmann,

Avaliar nesse novo paradigma é dinamizar oportunidades de ação - reflexão, num acompanhamento permanente do professor e este deve propiciar ao aluno em seu processo de aprendizagem, reflexões acerca do mundo, formando seres críticos libertários e participativos na construção de verdades formuladas e reformuladas (HOFFMANN, 1993, p. 134).

Na excepcionalidade de anos letivos diferenciados, em que fomos desafiados a nos reinventar, a rever nossa prática e a experimentar novos caminhos, a avaliação formativa parece ser uma possibilidade de narrar as trajetórias e os percursos percebidos e diagnosticados, em contextos não presenciais e presenciais. São tramas de olhares e descobertas que emergem das práticas escolares, descortinando uma educação mais sensível e humana.

REFERÊNCIAS:

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora: Uma Prática em Construção da Pré-escola.** 14ª ed. Porto Alegre: Mediação 1993.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho.** – Porto Alegre: Mediação, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos proposições.** São Paulo: Cortez, 1995.

